

Pe. Ênio Marcos de Oliveira

800 Anos do encontro de
Francisco com o Sultão
Retiro Franciscano 2020



Editora ICSFA

PE. ENIO MARCOS DE OLIVEIRA

**800 ANOS DO ENCONTRO DE FRANCISCO COM O SULTÃO
RETIRO FRANCISCANO 2020
TENDO EM VISTA A PANDEMIA E O PROJETO IGREJA EM
SAÍDA**

PORTO Alegre – RS
ICSFA
2020

Província São Francisco de Assis no Brasil
Av. Juca Batista, 330
Ipanema
91770-000 – Porto Alegre – RS
CNPJ: 35.332.968/0001-08

EQUIPE EDITORIAL

Coordenação: Fr. João Carlos Karling, OFM

Revisão: Fr. Romano Zago, OFM (Dorvalino Zago)
Frei Arno Frelich, OFM

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

O48o Oliveira, Enio Marcos de, Pe.
800 anos do encontro de Francisco com o sultão : Retiro Franciscano 2020 : tendo em vista a pandemia e o Projeto Igreja em Saída [recurso eletrônico] / Pe. Enio Marcos de Oliveira – Porto Alegre : ICSFA, 2020.

Dados eletrônicos.
739.80 kB.
79 p.

Modo de acesso:
<<https://www.franciscanos-rs.org.br/ebook-pe-enio-retiroprovincial2020>>

ISBN 978-65-88060-00-1

1. Franciscanismo. 2. Retiro Franciscano 2020 - Evento. 3. Projeto Igreja em Saída – Papa Francisco. 4. Ordem dos Frades Menores. Província São Francisco de Assis. Rio Grande do Sul. 5. Francisco e o Sultão. II. Título.

CDU 271(O.F.M)

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	5
PEQUENA APRESENTAÇÃO DO AUTOR.....	7
1º DIA – REFLEXÃO: QUEM SOU? ONDE ESTOU?	9
2º DIA – REFLEXÃO: O QUE NOS MOVEU? O QUE NOS MANTÊM?	15
3º DIA – REFLEXÃO: FRANCISCO VAI AO ENCONTRO DO SULTÃO.....	25
<i>Martírio</i>	29
<i>Converter o sultão</i>	34
<i>Dialogar</i>	39
<i>Propor a paz</i>	46
4º DIA – REFLEXÃO: NATAL EM GRECCIO. UMA PRÁTICA..	53
5º DIA – REFLEXÃO: VERDADEIRA ALEGRIA.....	61
ORAÇÃO COM AS IRMÃS CLARISSAS	69
ANEXO – PISTAS PARA UMA LEITURA COMPLEMENTAR ...	73
<i>Francisco e seus textos</i>	78

APRESENTAÇÃO

Em tempos de isolamento social, de distanciamento e de reclusão para a maior parte da humanidade, somos convidados a nos recolher. Não soa engraçado: recolher-se quem já está recolhido?!

O recolhimento aqui proposto, porém, é de índole própria, pois é recolher-se para um encontro especial. Sim, encontro, não isolamento; colocar-se junto, não se distanciar. E, justo por isso, o encontro de Francisco com o Sultão se torna modelo meditativo e iluminador desse recolher-se.

Isso pode impulsionar-nos também na ação evangelizadora, no diálogo, nesse tempo de isolamento social, abrindo-nos horizontes de encontro íntimo e profundo com Deus e com as pessoas na Igreja Doméstica, reinventando o sentido e o significado do “novo” que faz repensar a vida cotidiana. Pois, apesar de não nos encontrarmos no convento, decidimos nos encontrar no coração, fazendo juntos, cada um e cada Fraternidade em sua casa, na mesma data, este encontro orante, reflexivo, revigorante da vocação e do carisma em nós.

O tema do encontro de Francisco com o Sultão vem das comemorações que a Família Franciscana fez em 2019, ano em que

nossa Província São Francisco de Assis, por conta do Capítulo Provincial e sua preparação, decidi enfatizar, junto com as prioridades decididas no dito Capítulo, em 2020. Cabe bem o diálogo e a dimensão da Justiça, Paz e Integridade da Criação (prioridade para 2020 e da Vida fraterna, prioridade transversal do triênio).

Padre Ênio Marcos de Oliveira, tendo acolhido o convite para orientar nosso Retiro provincial, também aceitou o desafio de o fazer dentro das exigências do tempo presente, num distanciamento comungante. Assim, ele nos convida a uma reflexão concreta, retomando o fundamento da vocação franciscana, o encontro com o outro, num encontro consigo mesmo e com o mundo, convidando-nos a retomar o caminho. Faz ainda referência ao Papa Francisco, que reaviva em nós o chamado a ser Igreja em saída...

Degustando esse convite, meditemos e oremos, recolhidos em comunhão fraterna!

A Pe. Ênio nossa gratidão!

Publicamos esse trabalho¹ de modo que possa servir para outros momentos e permanecer conosco ao longo do caminho.

*Frei Arno Frelich, OFM
Vigário provincial*

¹ A publicação é feita como e-book, mas formatada de forma a possibilitar a impressão, para quem o desejar.

PEQUENA APRESENTAÇÃO DO AUTOR

Pe. Ênio Marcos de Oliveira, natural de Rio Pomba, MG, é membro do clero da Diocese de Leopoldina, MG. Também atua no ensino superior como professor em diversas disciplinas.

Pe. Ênio tem graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1995), graduação em Teologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (2006), mestrado em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (Dissertação: “Francisco de Assis e Malek-al-Kamil, um encontro de paz: sobre a abertura dialogal em Francisco de Assis e a influência do encontro com o sultão em alguns de seus escritos” – 2008) e doutorado em Ciência da Religião pela UFJF (Tese: “Francisco de Assis e o Islã: A vida segundo a forma do Santo Evangelho e a Minoridade como caminhos para o diálogo inter-religioso” – 2014).

Autor dos livros: “As orações dos Franciscos” (2014); “Lucas, Luz de amor infinito” (2015); “Rezando a Saudade” (2016); “Crer no Deus do Amor” (2019), publicados pela Editora Vozes.

1º DIA – REFLEXÃO: QUEM SOU? ONDE ESTOU?

1. Por que estamos juntos e não estamos ao mesmo tempo? Onde nós estamos diante de tudo isso? Caminho do homem e a pandemia.

2020 será um ano para sempre marcado na história da humanidade, de repente nos damos conta de algo invisível que é capaz de parar a humanidade e de abalar os homens. Um “estranho desconhecido” que está mexendo com os rumos da humanidade. Era para estarmos juntos no convento, fazendo as nossas reflexões, as nossas celebrações; e, mesmo nos momentos de deserto, bastaria olharmos para o lado e veríamos um irmão que junto com a gente estaria refletindo o mesmo texto, o mesmo ideal.

De repente, fomos convidados a celebrar direcionando nossas preces para um visor, uma câmera, um texto, um celular, para que possamos, através das redes sociais e das rádios, chegarmos às IGREJAS DOMÉSTICAS, redimensionando a Eucaristia, nos reinventando como ministros do Evangelho. Um ritual novo: máscaras, álcool, distanciamento, cuidados, medo. Aprendemos a ver os noticiários sempre com a angústia de quem está em guerra contando os mortos de nosso fronte; confrontados tanto com a nossa imunidade quanto com a nossa humanidade.

Vale aqui a frase lapidar de Cecília Meireles; “mas a vida, a vida, a vida só é possível reinventada”. Para reinventar a nossa vida é preciso saber qual a nossa base, onde nós estamos. Lendo as biografias de Francisco de Assis e seus próprios escritos, podemos perceber esta clareza no jovem de Assis.

Quem somos e onde estamos? Perguntas fundamentais para o nosso momento e para a nossa vida inteira.

No primeiro capítulo de seu livro CAMINHO DO HOMEM, Martin Buber nos apresenta uma parábola maravilhosa, contada aqui de forma livre, sobre estas perguntas fundamentais.

Um soldado chega diante de um rabino, que está preso, e querendo mostrar ar de superioridade e provocar a fé do rabino, faz a seguinte pergunta:

- O senhor acredita na Torá?

O rabino responde prontamente que sim. Então o soldado continua:

- O senhor acredita que Deus é onipotente, onisciente e onipresente?

Outra vez o rabino responde que sim.

Então o soldado com um ar de arrogância e na sua ingênua prepotência pergunta: se Deus é onipotente, onipresente e onisciente e se a Torá é verdadeira, por que Deus perguntou a Adão onde ele estava?

O rabino olha bem nos olhos do soldado e responde:

- A pergunta não é para Deus, a pergunta é para Adão, para o Adão do paraíso e para todo Adão ao longo da história.

A pergunta, portanto, é para mim, a pergunta é para você, que um dia se apaixonou por Francisco de Assis e por Jesus Cristo e resolveu direcionar a sua vida a uma fraternidade. Onde você está? Qual a sintonia do lugar que você está com o sonho que te fez frade?

A pergunta é para nós, que somos convidados pelo Papa Francisco e pelo Evangelho a viver em uma Igreja em saída em direção a todos os homens e todas as culturas; a pergunta é para nós diante de uma pandemia que mata milhares de homens e mulheres no mundo e questiona todas as bases de uma sociedade capitalista, onde o CNPJ tem muito mais valor que o CPF.

Onde nós estamos? Por que descobrimos que estamos nus?

Francisco pode nos ajudar, com seu testemunho, diante desta questão. Ao longo da sua vida, ele sempre esteve às voltas com esta pergunta e me parece que dela nunca fugiu, mas, ao contrário, procurava respostas que pudessem nortear sua vida.

Sonhou ser cavaleiro e foi atrás do seu sonho. Um dia sentiu um chamado diferente e deixou para traz o desejo das armas para seguir um novo intento, a cada desejo e a cada encontro sua vida era transformada sem nunca perder a sua essência.

Anton Rotzetter (disse no vídeo ser alemão, mas creio que fosse suíço) faz uma leitura muito interessante de uma passagem da vida de Francisco de Assis, que pode nos ajudar muito também em nosso retiro.

Ele mostra que a busca de si mesmo e de Deus era fundamental na vida de Francisco:

Conta-se que Francisco andava errando por dias e dias, repetindo para si mesmo estas palavras: ‘quem és tu, ó Deus, e quem sou eu, mísero homem?’ Creio que são duas questões as quais não conseguimos dar uma resposta no arco de uma vida. A pergunta: quem é Deus? Quem acredita saber, já está no erro. Um Deus fácil de se compreender, aos nossos olhos, não é mais Deus. Deus permanece sempre um mistério. A pergunta: quem sou eu? Quem crê saber é arrogante, autoritário. Um homem que se compreende, que acredita poder manejar a si mesmo, não é mais um homem. O homem permanece um mistério de si mesmo. (ROTZETTER, 1990: 41).

O retiro é o momento privilegiado que temos para nos debruçarmos sobre estas questões fundamentais em nossas vidas. Na sequência do texto de Rotzetter que está em seu livro FRANCESCO D’ASSISI – MEMORIA E PASSIONE, o autor faz uma belíssima reflexão a partir dos louvores ao Deus Altíssimo, mostrando:

Como Deus pode SER, ao mesmo tempo, força e amor uma vez que o amor é frágil? E, contudo, Deus permanece Deus na sua incompreensibilidade.

Como Deus pode SER, ao mesmo tempo, o Altíssimo e a Humildade, como pode olhar para o alto se é o Altíssimo e como pode olhar para baixo se é o mais humilde? Contudo, Deus permanece Deus na sua incompreensibilidade.

Como Deus pode SER Grande e SER Sabedoria, se o grande aparece e a sabedoria é reservada? Contudo, Deus permanece Deus na sua imutabilidade. E assim, sucessivamente o autor nos aponta tantas

outras aparentes adversidades em Deus e Ele permanece sempre o mesmo, Aquele que se revela e que se esconde, Aquele que se dá e se guarda. Aquele que ama cada um de nós e ama em cada um de nós.

Quando o Papa Francisco foi eleito bispo de Roma em 13 de março de 2013, lembro-me, como se fosse hoje, dele dizendo, ali na Praça São Pedro diante de uma multidão, “Vós sabeis que o dever do conclave era dar um bispo a Roma. Parece que meus irmãos cardeais tenham ido buscá-lo quase no fim do mundo... Eis me aqui! Agradeço-vos o acolhimento: a comunidade diocesana de Roma tem o seu bispo”.

Parece-me que Bergoglio tem uma clareza de quem ele é, embora seja sempre um mistério de si mesmo, mas ele agora é Francisco, não vai se esquecer dos pobres e nem da misericórdia (pedido feito pelo Cardeal Hummes, que estava ao lado dele na hora da sua eleição), parece também que ele sabe onde está, foram ao fim do mundo para me escolher como bispo de Roma.

Francisco personifica uma Igreja da misericórdia e em saída, ele mesmo saiu do fim do mundo para ser o bispo da Igreja que preside na fraternidade e unidade. Ele é um pastor disposto ao encontro e ao diálogo como o foi Francisco de Assis, nosso pai seráfico.

Ao longo dos nossos encontros poderemos refletir e rezar a nossa vida com as perguntas fundamentais com as quais demos início ao nosso retiro e, ao mesmo tempo, compreender quais foram as motivações que fizeram de Francisco de Assis um buscador do diálogo; e como podemos, inspirados por ele, viver uma Igreja em saída em uma

época de pandemia e insegurança; uma Igreja que está no mundo como sacramento de Cristo e, como Cristo, serve de todos os homens, uma Igreja que, em nome do Evangelho e por causa dele, abre-se ao diálogo com as outras religiões e culturas.

Que o nosso encontro possa nos ajudar a viver a intimidade que moveu o coração de Francisco.

2º DIA – REFLEXÃO: O QUE NOS MOVEU? O QUE NOS MANTÊM?

Uma Igreja em saída. Francisco e o encontro com o outro. O caráter novo em Francisco, ele é transformado. O que a pandemia, o mundo e a Igreja em saída podem nos oferecer?

Quando eu era estudante de teologia desenvolvi uma amizade especial com um professor que se tornou meu diretor espiritual e alguém com quem eu gostava de conversar e aprender.

Em uma aula do curso de cristologia, Frei Prudente Lúcio Nery contou uma pequena “novela” que, se não estou enganado, pertence aos textos de Soren Aabye Kierkegaard. Vou contar de forma livre aqui a novela:

Certa vez um jovem europeu foi fazer um trabalho na China. Lá chegando, conheceu uma bela jovem chinesa pela qual ele apaixonou. Durante o tempo em que esteve na China, os dois se enamoraram, mas chegou o tempo de voltar para Europa e ele prometeu a ela que mandaria cartas e que continuariam a namorar até o dia em que pudessem se casar e viverem juntos. Chegando em seu país, logo procurou um conhecedor da língua chinesa para que ele pudesse traduzir as cartas que ele escreveria para a sua amada e ansioso esperava

pelas respostas que também eram levadas ao conhecedor da língua chinesa que as lia para ele.

Depois de duas ou três cartas, (cheio de amor) resolveu que ele mesmo iria escrever e ler as cartas trocadas entre ele e a amada. Ele suspeitava e temia que o seu intérprete pudesse, na leitura ou na escrita, deixar passar alguma emoção mais acentuada e começou então a estudar a língua chinesa. Contudo, ele queria conhecer cada detalhe da língua e em função disso foi adiando as cartas até que ele pudesse dominar a língua de tal sorte que as cartas pararam de ir e vir. Com o tempo ele se tornou doutor em língua chinesa, conhecia todas as suas nuances, fazia conferências por toda a Europa sobre a construção e evolução da língua, mas já não escrevia mais cartas para a sua amada, e acabou se esquecendo dela. **ELE APRENDEU POR AMOR E DESAPRENDEU A AMAR.**

Esta novela nos convida a pensar no nosso ideal, naquilo que um dia nos fez sentir no coração um chamado, uma experiência diante do Amado que nos levou aos encontros vocacionais, depois aos seminários e à formação com todas as suas etapas. Não foram o aspirantado, o noviciado, a filosofia e a teologia que nos fizeram freis. Foi o encontro com Francisco e com Jesus, eles mudaram nossas vidas e talvez, ao longo do caminho, tenhamos nos tornado doutores em teologia e profundos conhecedores de todos os escritos e biógrafos de Francisco, mas pode ser também que tenhamos perdido um pouco daquele Amor primeiro, o frescor daquele encontro.

Quando olho para a história de Francisco, o seu ardor missionário, o seu amor ao Evangelho e o seu desejo de uma vida menor, eu percebo como tudo isso o fez sair de si mesmo e ir ao encontro do outro, de todo o outro e se abrir ao diálogo respeitoso.

Francisco viveu no mundo, fez do mundo o seu claustro². Não quis nenhuma regra pronta. Buscou, no encontro com os irmãos, organizar a regra de vida da comunidade.

Desde o início de sua conversão³, ou do seu deixar o mundo⁴, Francisco sempre foi em direção ao outro, e a partir de cada encontro, as fronteiras se alargavam, pois sair do mundo seria exatamente entrar

² “Pois, embora estejais a caminho, seja, no entanto, vossa convivência tão honesta, como se estivésseis no eremitério ou na cela; pois o irmão corpo é a nossa cela, e a alma é o eremita que mora dentro da cela para rezar a Deus e meditar. Por isso, se a alma não permanecer na tranquilidade e na solidão em sua cela, pouco serve ao religioso a cela feita pela mão” (CompAssis, FFC, 2004: 946).

³ Uso o termo conversão para expressar os acontecimentos da vida de Francisco após o seu encontro com o leproso e o Cristo em São Damião, mas, sobretudo, após a sua expressão depois do seu encontro com os textos do Evangelho: “é isso que eu quero”. “Tommaso da Celano situa l’avvenimento nella chiesetta della Porziuncola, a chiusura del periodo in cui, dopo la “conversione” e vestito ancora dell’abito eremitico, Francesco si era dedicato a riparare alcune chiese malandate [...] secondo Tommaso un giorno, durante una messe, egli vi senti leggere un passo del Vangelo che narra di come il Signore invì i discepoli a predicare – depois de ouvir a explicação pedida ao sacerdote sobre o texto – immediata fu la gioiosa reazione di Francesco “questo è ciò che voglio, questo è ciò che cerco, questo con tutte le fibre del cuore bramo di fare”. (Miccoli, 2013: 120-121)

⁴ Expressão usada por Francisco no seu Testamento quando relata o início da sua experiência, ou das suas experiências com o Altíssimo nos diversos encontros com Deus e com os outros. Cf. Test, FFC, 20004: 188. “In che senso Francesco uscì dal mondo? Nella tradizione medioevale l’espressione aveva un chiaro significato sociale, anzi topografico: voleva dire varcare la soglia si un monastero o entrare nella solitudine di un eremo, lasciandosi alle spalle la città degli uomini. Francesco, in realtà, entrò nel mondo proprio nel momento che ne uscì”. (cf. Balducci, 1989: 11)

no mundo⁵. Neste processo encontrou-se com o leproso e o que lhe era amargo fez-se doce⁶, dentro da trajetória de sua conversão encontra-se ainda com o Cristo na igrejinha de São Damião⁷ e recebe o convite para restaurar a Igreja em ruínas, uma reconstrução que vai se alargando pelo mundo nos diversos encontros. Depois dos dois já citados, foi a vez de se encontrar com os irmãos e formar com eles uma comunidade, um passo a mais e o encontro com Clara⁸, o caminho para Roma a fim de se inserir como Ordem na vida da Igreja, o encontro com o Papa Inocêncio III, com o cardeal Hugolino, com o bispo Guido e os muitos encontros nos capítulos da Ordem e em cada encontro uma abertura para a janela de compreensão do mundo e em cada encontro um desejo ainda maior de fazer o AMOR ser amado em todo o mundo⁹.

A Senhora pobreza pediu um travesseiro para [reclinar] sua cabeça. E eles imediatamente trouxeram uma pedra e a puseram sob a cabeça dela.

Ela, porém, dormindo sobriamente um sono muito tranquilo, levantou-se ligeiramente, pedindo que se lhe mostrassem o claustro. Conduzindo-a à uma colina,

⁵ “In che senso Francesco uscì dal mondo? Nella tradizione medioevale l’espressione aveva un chiaro significato sociale, anzi topografico: voleva dire varcare la soglia di un monastero o entrare nella solitudine di un eremo, lasciandosi alle spalle la città degli uomini. Francesco, in realtà, entrò nel mondo proprio nel momento che ne uscì”. (cf. Balducci, 1989: 11)

⁶ Uscire dal mondo volle dire, per usare le sue parole, capovolgere l’amaro in dolcezza, adottare come progetto di vita la condizione degli esclusi e ritrovare in quel punto morto di tutti i valori che, nel loro insieme sono, appunto, il mondo. (cf. Balducci, 1989: 12) Cf: Test, FFC, 2004: 188.

⁷ Cf: 2 Celano VI – 10, FFC, 2004: 308.

⁸ Cf: 1 Celano VIII – 18, FFC, 2004: 210.

⁹ A comunidade franciscana é uma comunidade peregrinante: ela não deve estabelecer-se em lugar algum, nem no alto das montanhas, nem no fundo dos vales, no máximo pode demorar-se por algum tempo, mas sempre de novo tem que partir [...] O mundo inteiro é o nosso convento. (Rotzetter, 2003: 29).

mostraram-lhe todo o orbe que podiam ver, dizendo: “Senhora, este é o nosso claustro”. (Sacrum Commmercium, FFC, 2004: 1481).

Um desejo que era transmitido aos companheiros que, mesmo que com algumas diferenças de comportamento, queriam também ganhar o mundo. Francisco fez do mundo a sua casa e dos homens os seus irmãos, por causa de Jesus Cristo e do Santo Evangelho. Ser Menor não era para ele apenas uma opção social, mas uma opção religiosa, um encontro com o Cristo nu, que se dá a todos e redime a todos dentro do universo teológico de Francisco.

A cada encontro Francisco encontrava um pouco de resposta para as perguntas cruciais de sua vida: “Que quereis que eu faça?¹⁰”, e “quem és tu, e quem sou eu?¹¹”.

E os encontros de Francisco, segundo ele mesmo, começaram no caminho, e o primeiro deles se deu com Jesus na pessoa do leproso.

Foi assim que o Senhor concedeu a mim, Frei Francisco, começar a fazer penitência: como estivesse em pecado, parecia-me sobremaneira amargo ver leprosos. E o próprio Senhor me conduziu entre eles, e fiz misericórdia¹² com eles. E afastando-me deles, aquilo que me parecia amargo se me converteu em doçura de

¹⁰ Cf: cf: 2 Celano II – 6, FFC, 2004: 304

¹¹ Cf: Rotzetter, 1990: 41.

¹² Poderíamos fazer um retiro apenas em cima do tema MISERICORDIA e ligá-lo à proposta que o Papa Francisco tem para a Igreja, como ele instituiu o ano da misericórdia (jubileu), bem em consonância com o jubileu do levítico 25 e ainda em harmonia com o profeta Isaías 61 relido por Jesus na sinagoga de Nazaré Lc 4,14-21. Se quisermos ainda poderemos estender este tema misericórdia ao diálogo inter-religioso, olhando para o cuidado e a reverência pela vida propostos pelas religiões na sua grande maioria e ainda o tema tão rico e caro aos muçulmanos que sempre chamam ALLAH de O MISERICORDIOSO E O MISERICORDIADOR no início de cada Sura.

alma e de corpo; e, depois, demorei só um pouco e saí do mundo. (Testamento- Fontes 188)

O curioso neste relato é que, diferente de outras narrativas hagiográficas do medievo, não foi o leproso que saiu “convertido” diante do encontro com o santo, mas foi o santo que saiu convertido diante do leproso.

Lendo Francisco e seus hagiógrafos há uma perspectiva bem clara daquilo que marca a vida dele, o esvaziamento, de tal sorte que ele abraça o Evangelho e vai ao longo da vida se com-fundindo¹³ com Cristo, na kénosis evangélica.

Alegrando-se nestas palavras e confortado no Senhor, ao cavalgar nas cercanias de Assis, encontrou um leproso. E porque se acostumara a ter muito horror de leprosos, fazendo violência a si mesmo, desceu do cavalo e ofereceu-lhe uma moeda, beijando-lhe a mão. E, depois de ter recebido do mesmo [leproso] o ósculo da paz, montou novamente em seu cavalo e prosseguiu seu caminho. A partir de então, começou cada vez mais a desprezar a si mesmo até chegar de maneira perfeita, pela graça de Deus, à vitória sobre si.

Depois de poucos dias, tomando muito dinheiro, dirigiu-se ao hospital dos leprosos e, reunindo todos juntos, deu esmola a cada um, beijando-lhes as mãos. Mas ao afastar-

¹³ Com-fundir aqui no sentido de uma plena identidade, bem como a pequena história do boneco de sal que chega diante do mar e pergunta quem é o mar e o mar o convida ao mergulho para que o boneco o possa conhecer e à medida que vai entrando nas águas o boneco e o mar se apaixonam até o momento em que inteiro no mar o boneco diz: “você sou eu”. Ou ainda na bela expressão de Rumi daquele peregrino que busca o amado e depois de longa viagem vai chegar à porta e bater e o amado do lado de dentro pergunta: “quem és”? E o peregrino responde: - “sou eu”. O amado diz: “podes ir embora, aqui não cabem dois eus”. O peregrino continua a sua busca e depois de anos retorna à porta do amado e bate novamente, o amado pergunta: “quem és”? E ele novamente responde: “sou eu”. O amado diz: “podes ir embora, aqui não cabem dois eus”. O peregrino segue mais uma vez seu caminho e depois de anos de busca chega à porta do amado e bate cheio de esperança; o amado então pergunta: “quem és”? E o peregrino responde: “és tu meu amado”. A porta então se abre.

se, de fato, o que antes lhe parecia amargo, isto é, ver e tocar em leprosos, se lhe converteu em doçura. Como ele disse, a tal ponto lhe era amargo ver leprosos que não somente não os queria ver, mas também nem sequer aproximar-se de suas habitações, e, se sucedia que de vez em quando ele passasse perto de suas casas ou as visse, embora por piedade se movesse a dar-lhes esmola por pessoa intermediária, sempre virando o rosto, tapava o nariz com as próprias mãos. Mas, pela graça de Deus, tornou-se tão familiar e amigo dos leprosos, que, como está declarado em seu testamento, permanecia entre eles e os servia humildemente. (Legenda dos Três Companheiros, IV,11 - Fontes, p. 797)

O encontro de Francisco com o leproso retrata o estar diante do humano desprezado, com aquele que sofria a maior rejeição no medievo, com a realidade do homem frágil e sofredor para quem o mundo havia virado as costas. Podemos aqui pensar no belíssimo texto de Lucas que motivou a campanha da fraternidade de 2020; a parábola do samaritano.

Levantou-se um doutor da lei e, para pô-lo à prova, perguntou: Mestre, que devo fazer para possuir a vida eterna? ²⁶Disse-lhe Jesus: Que está escrito na lei? Como é que lês? ²⁷Respondeu ele: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu pensamento (Dt 6,5); e a teu próximo como a ti mesmo (Lv 19,18). ²⁸Falou-lhe Jesus: Respondeste bem; faze isto e viverás. ²⁹Mas ele, querendo justificar-se, perguntou a Jesus: E quem é o meu próximo? ³⁰Jesus então contou: Um homem descia de Jerusalém a Jericó, e caiu nas mãos de ladrões, que o despojaram; e depois de o terem maltratado com muitos ferimentos, retiraram-se, deixando-o meio morto. ³¹Por acaso desceu pelo mesmo caminho um sacerdote, viu-o e passou adiante. ³²Igualmente um levita, chegando àquele lugar, viu-o e passou também adiante. ³³Mas um samaritano que viajava, chegando àquele lugar, viu-o e moveu-se de compaixão. ³⁴Aproximando-se, atou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho; colocou-o sobre a

sua própria montaria e levou-o a uma hospedaria e tratou dele. ³⁵No dia seguinte, tirou dois denários e deu-os ao hospedeiro, dizendo-lhe: Trata dele e, quanto gastares a mais, na volta to pagarei. ³⁶Qual destes três parece ter sido o próximo daquele que caiu nas mãos dos ladrões? ³⁷Respondeu o doutor: Aquele que usou de misericórdia para com ele. Então Jesus lhe disse: Vai, e faz tu o mesmo. (Lc 25-37)

O texto é muito interessante e nos permite inúmeras reflexões, atendo-me aqui a uma leitura que era feita na patrística – Orígenes, nas suas "Omélies sul Vangelo di Luca" (Homilias sobre o Evangelho de Lucas), afirmava que essa interpretação lhe fora dada por "um dos anciãos", o qual lia desta maneira os elementos da narrativa: "o homem que descia é Adão; Jerusalém é o paraíso e Jericó é o mundo; os ladrões são as potências hostis; o sacerdote é a Lei; o levita, os profetas; o Samaritano é Cristo.¹⁴" – que traduz na reflexão deste texto a história da salvação: Um homem descia de Jerusalém para Jericó, ora, Jerusalém (terra da bênção e da paz) é o lugar para onde todos devem ir enquanto Jericó (terra amaldiçoada – Js 6,26-27) é o lugar de onde todos devem sair; portanto, sair de Jerusalém e descer para Jericó é errar o caminho. Quando o homem erra o caminho tudo o que lhe resta são os ladrões que roubam tudo e o deixam quase morto à margem da vida (importante lembrar que os seguidores de Jesus eram também chamados seguidores do caminho).

O homem estava perdido, quase morto e à margem do caminho. Passaram dois conhecedores da lei, o levita e o sacerdote e, por

¹⁴ In http://www.faculdadedesaobento.com.br/files/pesquisas_02979215-03338025-9108-132018.pdf visto 15/06/2020. p 13.

conhecerem a lei, seguiram adiante sem nada fazer (não podiam ficar impuros [Nm 19,13]). O samaritano¹⁵, por sua vez, ao ver o homem, teve compaixão, aproximou-se (sem medo de ficar impuro), limpou as feridas, deitou óleo e vinho (óleo e vinho são sinais messiânicos¹⁶), colocou o ferido sobre a sua montaria, ou seja, cedeu o seu lugar, aqui mais uma vez a kénosis, cuidou dele e pagou pela sua cura.

Ao ser interpelado pelo doutor da lei Jesus conta a história de Adão que errou o caminho e caiu ferido e do próprio Cristo que limpa as feridas, unge e põe vinho, desce da montaria (desce aos infernos para resgatar – ver imagem), cuida dele e ainda paga na cruz pelo resgate.



17

¹⁵ No capítulo 9 de Lucas, portanto, o capítulo que antecede a parábola do Samaritano, Jesus e seus discípulos passam pela Samaria e são mal acolhidos a ponto de Tiago e João desejarem fazer cair fogo do céu para destruir o povoado. (Lc 9, 51-55)

¹⁶ Há uma ligação clara dos termos Messias (hebraico) e Cristo (grego) com o óleo, aquele que recebeu a unção. Por sua vez são várias as metáforas da vinha para se falar do reino de Deus e o próprio Cristo inicia seus sinais no Evangelho de João transformando água em vinho nas bodas de Caná.

¹⁷ Jesus saindo dos infernos tendo nas mãos Adão e Eva. Igreja são Salvador de Chora – Istambul.

Podemos pensar aqui em todo o ministério do Papa Francisco e no seu convite para uma Igreja em saída ao encontro do outro.

- Aquilo que parecia fraqueza, tornou-se a força (a amargura se transformou em doçura). A alegria do samaritano de se saber curador daquele que foi ferido, a alegria de Francisco de mudar seus paradigmas depois do ósculo.

Francisco descobre o ser humano em sua realidade: o leproso era condenado a uma morte social; havia mesmo um ritual de sepultamento, ele escolhe a minoridade, a liberdade de superar seus próprios limites.

Ao longo da vida de Francisco, podemos perceber essa marca: todos os encontros foram pontuais, pois os encontros mudavam a sua direção, mas nunca o seu objetivo, que sempre foi fazer o AMOR SER AMADO.

Penso que para a nossa reflexão no dia de hoje podemos pegar o texto de Lucas 10,25-37 e o testamento de Francisco como nosso sustento e pensar no nosso amor primeiro, nas motivações que nos trouxeram à vida religiosa e nos perguntar sobre o que nos mantém nessa vida.

3º DIA – REFLEXÃO: FRANCISCO VAI AO ENCONTRO DO SULTÃO

A VIDA SEGUNDO O SANTO EVANGELHO E A MINORIDADE

COMO CAMINHO PARA O DIÁLOGO

Francisco é Francisco e isso lhe basta, não quer nenhuma regra que não seja a sua, não quer ser outro. Quer apenas o evangelho e a vida menor. Não voltou aos atos dos apóstolos, mas ao evangelho.

Não temos como fazer, em pouco espaço de tempo, uma leitura desde o início do Islã até a quinta cruzada, quando Francisco de Assis encontrou-se na cidade de Damietta, no delta do Nilo, com o sultão Malek-al-Kamil. Mas, em poucas linhas, podemos dizer que desde 622, com a Hégira, os muçulmanos começaram uma grande conquista de territórios; neste mesmo período, no Ocidente, aconteceram várias guerras internas, por disputa de territórios entre reinos da Europa.

Quando Alex Comeno, imperador de Bizâncio, pediu auxílio ao Papa para vencer os muçulmanos, que invadiam Bizâncio, o Papa Urbano II entendeu como uma oportunidade para reconquistar territórios perdidos e, ao mesmo tempo, apaziguar as guerras intra Europa.

Com o concílio de Clermont em 1095, o Papa convocou aquela que foi chamada a primeira cruzada. A resposta foi imediata; o povo gritava “Deus o quer, Deus o quer”.

A primeira cruzada promoveu a tomada de Jerusalém pelos cristãos e outros territórios; quando em 1144 os muçulmanos retomaram Edessa, foi organizada a segunda cruzada (1145) foi para a manutenção dos mesmos territórios e uma tentativa de contenção dos muçulmanos que avançavam em suas reconquistas; em 1187 aconteceu a terceira cruzada. Nela Saladino retomou Jerusalém para os muçulmanos. Em 1204 aconteceu a chamada cruzada contra Bizâncio separando ainda mais os muros entre ortodoxos e romanos. Em 1213 o Papa Inocêncio III convocou o IV Concílio de Latrão no qual propôs uma grande restauração/reforma na Igreja¹⁸ e tal reforma passaria pela retomada de Jerusalém e pelo extermínio dos muçulmanos. Esta seria a primeira cruzada comandada por um Papa¹⁹.

Ao longo da vida de Francisco, aconteceram, portanto, três cruzadas. Tudo o que se via e ouvia eram propagandas contrárias aos muçulmanos. Sermões, como o de Bernardo de Claraval, que dizia “matar um muçulmano é um ‘malecídio’ e não um homicídio” eram propagados por todos os lados. O Papa via, no extermínio dos muçulmanos, uma profecia apocalíptica.

¹⁸ Francisco também tinha o desejo de restaurar a Igreja, mas as bases de Francisco eram a minoridade e a vida segundo o santo Evangelho enquanto para o Papa a restauração passava pelo extermínio dos muçulmanos.

¹⁹ Inocêncio III morreu em julho de 1216 durante os preparativos para a V cruzada.

Neste contexto viveu Francisco com o seu profundo amor por Jesus Cristo, mas há as particularidades de Francisco que podem nos ajudar a entender a sua postura diante de todo o universo que se descortinava ao seu redor.

1. Servir ao Senhor e não ao servo: Francisco alimentava o sonho de ser cavaleiro, mas em um sonho foi despertado para algo que mudou para sempre a sua vida: “a quem deves servir, ao servo ou ao Senhor”? O Papa se autointitulava servo dos servos. E o servo, neste caso, parecia muito propenso à guerra, no entanto, ao que parece, o Senhor queria a paz, tanto que revelou a Francisco a saudação especial: “O Senhor te dê a paz”.

2. Voltar ao Evangelho: olhando para a História, podemos perceber que houve vários movimentos de reforma da Igreja ao longo dos séculos. O período em que Francisco viveu foi rico no que diz respeito a tais movimentos. Quase todos os movimentos que propunham a reforma pensavam em uma volta aos Atos dos Apóstolos. Francisco, mais uma vez, apresenta a sua particularidade: “E depois que o Senhor me deu irmãos, ninguém me mostrou o que eu deveria fazer, mas o Altíssimo mesmo me revelou que eu deveria viver segundo a forma do Santo Evangelho”.

3. Regra de vida: Não só uma reforma que voltasse ao Evangelho, mas uma vida segundo a forma do santo Evangelho. Para Francisco e seu grupo foram apresentadas, como propostas, algumas regras de vida já consagradas e solidificadas na Igreja, mas a nenhuma

delas o pobrezinho voltou seu olhar e seu coração, pois o Senhor mesmo lhe havia mostrado a forma como deveria viver.

Francisco viveu sua particular intimidade com Deus e com o Evangelho. Aqui tomo de novo emprestadas as palavras de Martin Buber:

Existe um caminho para servir a Deus pelo estudo; outro, pela oração; outro pelo jejum; outro, pela comida. Cada um deve saber por qual caminho seu coração anseia e isso deve ser escolhido com toda a disposição. Cada homem traz algo de novo mundo, algo que ainda não existia, algo sério e único.

A obrigação de cada homem em Israel é saber e refletir sobre seu caráter único em seu modo de ser e sobre o fato de nunca ter existido ninguém igual a ele sobre a terra. Se alguém igual já houvesse habitado a terra, não precisaria estar aqui. Cada um é algo novo nesta terra e é chamado para realizar sua particularidade neste mundo. Pois na verdade, a vinda do Messias se protela porque isso não acontece.

Essa tarefa é a concretização única e específica de suas potencialidades, e não a repetição de algo que o outro, ainda que seja o maior, já tenha feito. Certa vez, o sábio rabi Bunam, idoso e quase cego, disse: “não quero trocar de lugar com patriarca Abraão. Qual a vantagem para Deus se o substituto do patriarca Abraão fosse como cego Bunam e o cego Bunam fosse como Abraão? E o mesmo foi dito, com ênfase ainda maior pelo rabi Sussja, ao falar, um pouco antes da morte: “no próximo mundo, ninguém vai me perguntar: porque você não foi Moisés? Vão me perguntar por que você não foi Sussja? (Bubber 2006: 16-17)

Francisco foi único no seu modo de viver e na sua particularidade; sempre se abriu à intimidade com Deus e à busca clara pela vida segundo o Santo Evangelho. Cada frei é único, cada religiosa é única, cada cristão é único, mas, em nossa unicidade, todos e cada um

podemos buscar a intimidade com Deus e a vida segundo o santo Evangelho.

Aqui então poderemos compreender o encontro de duas unicidades, Francisco de Assis e Malek-al-Kamil. Segundo as fontes, podemos pensar em quatro motivações para Francisco ir ter com o sultão. Elas não se excluem e, às vezes, podem se complementar. Quero refletir estas quatro motivações em oração: busca pelo Martírio, converter o sultão, propor a paz e dialogar.

Martírio

Quase todos os autores, que narram a presença de Francisco em Damietta, falam do ardente desejo de martírio. Dentre essas biografias de São Francisco encontradas nas FFC, destaca-se a primeira e a segunda Celano e as Legendas Maior e Menor de São Boaventura. O desejo de martírio é presença constante nesses primeiros autores. Celano, nas duas vidas de Francisco, fala sobre a ida aos sarracenos e sobre o desejo de martírio que motivava essa viagem:

Abrasando-se de amor divino, o beatíssimo pai Francisco esforçou-se sempre por lançar mão a coisas mais valorosas e, andando com o coração aberto no caminho dos mandamentos de Deus, desejava atingir o ápice da perfeição. No sexto ano de sua conversão, inflamando-se sobremaneira pelo desejo de martírio, quis atravessar o mar até as regiões da Síria para pregar a fé cristã e a penitência aos sarracenos e a outros infiéis. Depois que entrou num navio que para lá se dirigia, tendo soprado ventos contrários, encontrou-se com os demais navegantes da região da Eslavônia, e vendo-se frustrado em tão grande desejo, passado um pequeno intervalo de tempo, suplicou a alguns navegantes que se dirigiam a Ancona que o levassem consigo, porque naquele ano

dificilmente pôde algum navio atravessar para a região da Síria (1Cel, FFC, 2004: 235).

Rauol Manseli fala: “Parece-nos que sobre Francisco agiu especialmente o fascínio do martírio no Oriente, mas não o martírio em si e por si; sua atitude não foi de modo algum provocatória²⁰” (MANSELLI, 1997: 204). O martírio, em Francisco, era um desejo de ser um com Cristo e, assim, testemunhar a fé nele. Francisco não procurava pelo martírio nenhuma forma de “demonizar” ainda mais os muçulmanos.

O fato é que algumas biografias de Francisco falam do desejo de martírio e de três tentativas de ir até os sarracenos com este intuito:

No sexto ano de sua conversão, inflamando-se sobremaneira pelo desejo de martírio, quis atravessar o mar até as regiões da Síria para pregar a fé cristã e a penitência aos sarracenos e a outros infiéis. Tendo soprado ventos contrários, viu-se frustrado em tão grande desejo (1Cel, FFC, 2004: 335).

²⁰ Vale anotar que os mártires do Marrocos tiveram uma postura totalmente diversa daquela de Francisco pessoalmente e proposta no estatuto missionário da Regra não Bulada: “Chegaram primeiramente em Sevilha que na época era ainda muçulmana, ali pregaram o Evangelho e disseram ‘muitas coisas ruins sobre Mohamed e sua desprezível lei’. Os frades foram então aprisionados, e enviados para a capital do Marrocos, Marrakesh, ao califa marroquino Abû Ya’qub Yûsuf al-Mustansir (1213-1224), este buscou mandá-los de volta para a Europa, mas os frades que não se deixavam desencorajar facilmente, retornaram a Marrakesh, onde recomeçaram a pregar. Ao fim o califa os fez arrastar e os fez comparecer diante de si; porque insistiam em insultar Mohamed, ali os colocou sobre uma série de torturas que as fontes descrevem com abundância de detalhes macabros, propôs a eles lisonjeiros clássicos (mulheres, dinheiro e honras mundanas), se eles se convertessem ao Islã, e diante da refutação dos frades, ali mesmo o Sultão os decapitou pessoalmente com sua espada”. (TOLAN, 2009: 8).

Seu desejo, no entanto, pareceu frustrado esta primeira vez e, numa segunda tentativa, ele pretendia ir ter com os muçulmanos, ser martirizado por amor a Cristo e anunciar esse mesmo Cristo aos infiéis, mas os contratempos não desanimam Francisco, e o seu ardente desejo se mantém vivo:

De modo algum se esfria nele o sublime propósito e ardente desejo do martírio. De fato, depois de não muito tempo, tomou o caminho de Marrocos para pregar o Evangelho ao Miramolim e seus correligionários (...) tendo-se manifestado uma doença, trouxe-o de volta da viagem iniciada (1Cel, FFC, 2004: 236).

Uma segunda vez seus planos foram frustrados, uma doença o levou de volta para casa sem realizar seu desejo. Uma terceira vez ainda Francisco foi ao encontro dos sarracenos e desta feita conseguiu se colocar na presença deles, mas não foi martirizado.

Assim, “no décimo terceiro ano de sua conversão, dirigindo-se às regiões da Síria, como a cada dia recrudescessem batalhas fortes e duras entre cristãos e pagãos, tendo tomado consigo um companheiro, não teve medo de apresentar-se ao sultão dos sarracenos” (1Cel, FFC, 2004: 236). Contudo, se o que movia Francisco era o desejo de martírio, este desejo não foi satisfeito. No entender de Celano, Deus tinha outro propósito para Francisco que, ao que tudo indica, falava dos estigmas no monte Alverne: “Em todas estas coisas o Senhor não realizou o desejo dele, reservando-lhe a prerrogativa de uma graça especial” (1Cel, FFC, 2004: 237). E ainda se encontra em Boaventura o seguinte texto:

Assim, por disposição e clemência de Deus e por merecimento da virtude do homem de Deus, misericordiosa e admiravelmente aconteceu que o amigo de Cristo procurava a morte por ele com todas as forças e de maneira alguma encontrava, de modo que não lhe faltava o mérito do desejado martírio, e era reservado para mais tarde ser marcado por um especial privilégio (LM, FFC, 2004: 614).

São Boaventura relata ainda o ódio que havia entre cristãos e sarracenos e como a morte grassava entre os acampamentos:

Francisco, porém, intrépido cavaleiro de Cristo, esperando em breve alcançar seu propósito, decidiu tomar o caminho, não amedrontado pelo pavor da morte, mas provocado pelo desejo [dela]. Tendo feito antes uma oração, confortado pelo Senhor, ele cantava com confiança aquela palavra do profeta: se eu ando no meio da sombra da morte, não temerei os males, porque estais comigo (LM, FFC, 2004: 612).

Parece haver uma frustração por parte dos biógrafos por conta desse fato, mas alguns afirmam que o Senhor tinha preparado para Francisco uma outra forma de martírio que vai se dar no Alverne através dos estigmas.

A tese de que Francisco desejava o martírio está inserida em uma mentalidade que se difundia por toda a Europa, mentalidade construída e que, de certa forma, dava força para o desejo de lutar contra os inimigos da fé:

Quanto ao desejo do martírio, criou-se uma mentalidade entre os cristãos de que o sarraceno, além de ser inimigo da fé, era também o ser mais cruel da face da terra, pronto a degolar o cristão pelo simples fato de ser cristão. Na mente do povo cristão, criou-se uma verdadeira neurose de guerra contra os sarracenos. Matar o sarraceno era ser herói de Cristo, morrer nas mãos dos sarracenos era ser

martirizado por Cristo. Toda a Europa respirava esse ar (TEIXEIRA, 2005: 16).

Mas o martírio, em Francisco, ganha nova função: não quer morrer para mostrar que os muçulmanos são mesmo filhos da perdição, mas deseja a morte para uma redenção de cristãos e também de muçulmanos, apresentando uma perspectiva de anticruzada. Desse modo, ele morreria pelos cristãos e também pelos muçulmanos:

Francisco deveras acreditou, inicialmente, que o seu martírio eventual iria falar ao Islão. Notemos, via de regra, o martírio se dirige mais à Igreja que aos carrascos, para fortalecer a fé da comunidade. Mais ainda, não deve ser nem procurado nem provocado.

Mas fazer do martírio como tal um ato de apostolado missionário, com toda a lucidez, isto não era assim tão evidente. Eis a audácia de Francisco: pensar que seu martírio falaria mais ao Islão do que à Igreja. Contra a extravagância da cruzada seria necessário para o Islão um testemunho radical, que seria o seu antípoda. O martírio seria a objeção de consciência apresentada a todos aqueles que apelam à intolerância de uma guerra santa: a anticruzada (BEER, 1982: 24).

Os biógrafos de Francisco não poderiam fugir à mentalidade da época, na qual se fortalecia a ideia de martírio em nome da fé; portanto, é natural que, em quase todos, a primeira questão apresentada como motivação para a ida de Francisco aos sarracenos fosse o ardente desejo de martírio. Importante para nós entendermos que era uma lacuna para Francisco não ter sido mártir (os estigmas foram vistos como uma espécie de martírio).

Converter o sultão

Outra proposta que aparece nas fontes franciscanas é o desejo de Francisco em converter o sultão e seus súditos, posto que isto acabaria com as guerras entre as duas religiões.

Ele queria pregar a fé e a penitência aos sarracenos e a outros infiéis. Francisco, como se comentou, era um homem inflamado pelo amor de Deus e, em seu zelo, queria que todos os homens o fossem. No dizer de Celano, ele rasgava a terra com o arado da palavra, para semear no coração dos sarracenos e seus correligionários, a semente do Evangelho. Mesmo se vendo frustrado por duas vezes em suas tentativas de ir ter com os muçulmanos, ele não desanimou e, na terceira tentativa, conseguiu chegar diante do sultão e pregar com imenso ardor (1Cel, FFC, 2004: 235):

Mas quem seria capaz de narrar com quanta virtude do Espírito lhe falava, com quanta eloquência e confiança respondia aos que insultavam a lei cristã? Antes de ter acesso ao sultão, capturado pelos correligionários, atacado com ultrajes, castigado com açoites, não se amedronta; ameaçado com suplícios, não teme, com a morte planejada não se apavora. E, embora tivesse sido maltratado por muitos com ânimo bastante hostil e com espírito adverso, no entanto foi recebido pelo sultão com muita honra (...) o sultão ficou muito tocado pelas palavras dele e ouvia-o de muito bom grado (1Cel, FFC, 2004: 236).

Juliano de Espira²¹ também diz que Francisco, além do desejo de martírio, queria anunciar aos sarracenos o Evangelho de Cristo, e

²¹ Frade franciscano que escreveu uma biografia de São Francisco, biografia provavelmente elaborada entre os anos de 1232 e 1235, e que também faz parte das FFC.

este desejo de pregação era tão ardente que, “por vezes, caminhava com tal disposição que, indo à frente sozinho por causa do fervor de espírito, deixava para trás seu companheiro de peregrinação” (Jul, FFC, 2004: 526).

Francisco ardia de amor e queria que todos experimentassem o mesmo amor, anunciava a toda natureza o amor de Deus.

Pregar o Evangelho ao sultão, líder dos sarracenos, seria uma maneira concreta de tentar pôr fim a uma guerra que já durava anos e assolava vidas, como Francisco pôde perceber em Damietta, “onde a cada dia recrudesciam batalhas fortes e duras entre cristãos e infieis” (1Cel, FFC, 2004: 236).

Também Boaventura narra o desejo de pregar a fé cristã:

E pregou ao predito sultão com tanta firmeza na alma, com tanta virtude de ânimo e com tanto fervor de espírito o Deus Trino e Uno e Jesus Cristo Salvador que ficava claro que nele se cumpria verazmente aquela palavra do Evangelho: “Dar-vos-ei boca e sabedoria a que não poderão resistir todos os vossos inimigos” (Lc 21,15). E o sultão, vendo no homem de Deus o admirável fervor do espírito e a virtude, o ouvia com prazer²² (LM, FFC, 2004: 613).

Os florilégios²³, flores colhidas na história de Francisco por alguns de seus amigos, falam mesmo da conversão do sultão, embora,

²² Diferente de todas as propagandas para a cruzada que demonizavam o sultão, os biógrafos que narram o encontro entre ele e Francisco, na sua maioria, o apresentam como um homem cortês e acolhedor, disposto a escutar e que presenteou Francisco e lhe deu salvo conduto para voltar ao acampamento dos Cristãos.

²³ Coletâneas de episódios e ditos colhidos sem ordem cronológica a respeito da vida de São Francisco, os autores (freis Leão, Rufino e Ângelo) não pretendiam elaborar uma legenda, mas tiveram o propósito de coletar “flores”, o que mostra que eles tinham consciência de que seu trabalho pertencia a outro gênero literário que não o

sobre isto, não haja uma confirmação histórica, mas, sem dúvida, mostra uma interpretação de que havia em Francisco esse desejo. Segundo os autores dos florilégios, Francisco, instruído pelo Espírito Santo, pregou tão divinamente sobre a fé católica que se ofereceu para comprová-la através do fogo²⁴.

Nosso santíssimo pai Francisco, impelido pelo zelo da fé e pelo fervor do martírio, atravessou o Ultramar com doze santíssimos companheiros seus, propondo dirigir-se diretamente ao sultão.

Então, quando chegou às terras dos pagãos, nas quais guardavam as estradas homens tão cruéis que nenhum cristão que passasse por ali podia escapar da morte, com a disposição de Deus, eles, de fato, se esquivaram da morte. No entanto, capturados, atormentados de múltiplos modos e fortemente amarrados, eles foram conduzidos ao sultão; na presença dele, São Francisco, instruído pelo Espírito Santo, pregou tão divinamente sobre a fé católica que se ofereceu para comprová-la através do fogo. Ao ver isto, o sultão concebeu grande devoção para com ele tanto pela constância da fé quanto pelo desprezo do mundo – pois ele, ainda que paupérrimo, nada quis receber do mesmo sultão – quanto também pelo fervor do martírio. E a partir de então ouvia-o de muito bom grado, e rogou que viesse encontrá-lo com frequência. E, ademais, permitiu generosamente a São Francisco e aos companheiros poderem pregar livremente, em qualquer lugar que quisessem. E deu-lhes

gênero literário das legendas. Enquanto a legenda se revestia de um caráter oficial, os florilégios distinguiram-se por sua maneira familiar de abordar os temas e as recordações de acontecimentos de que, muitas vezes, os próprios escritores tinham participado. Ver: FFC, 2004: 42.

²⁴ *Compilações e florilégios*, 1179. Sobre a prova do fogo: alguns autores falam da proposta da Ordália de fogo proposta por Francisco como prova da verdadeira fé, mas a história relata que também Mohamed havia feito esta proposta aos nestorianos e esses a haviam recusado. Cf. BEER, *Francisco de Assis e o islão*, op. cit., p. 25. Contudo, o IV Concílio de Latrão, no cânon 18, proíbe aos clérigos de favorecerem esses costumes sinistros com qualquer bênção. Cf. JEUSSET, *Encontro na outra margem: Francisco de Assis e os muçulmanos*, op. cit., 1995, p. 96.

uma bandeirinha, à vista da qual, por ninguém fossem maltratados.

Obtida, portanto, esta generosa licença, São Francisco enviou dois a dois aqueles seus companheiros escolhidos por toda parte às diversas plagas dos pagãos; dentre as quais ele mesmo escolheu uma com seu companheiro. (...) vendo, porém, São Francisco que aí não conseguia produzir fruto, por revelação do Senhor, resolveu, depois de ter reunido de novo os companheiros, retornar às terras dos fiéis; e voltando ao sultão, informou-lhe o propósito de seu retorno. E o sultão lhe disse: “Frei Francisco, eu de bom grado me converteria à fé de Cristo, mas temo fazê-lo agora, porque estes meus homens, se percebessem, imediatamente matariam a mim e a ti juntamente com teus companheiros. Como ainda podes ser muito útil e já que eu tenho que me desimpedir de uns grandes negócios para a salvação de minha alma, de bom grado eu não gostaria de induzir tão repentina morte minha e tua; mas indica-me o modo pelo qual eu serei salvo, e eu estou preparado para obedecer em tudo”. Disse-lhe São Francisco: “Senhor, na verdade, retirar-me-ei agora; mas depois que eu estiver voltado à minha terra e, chamando-me Deus, tiver passado ao céu, enviar-te-ei depois da minha morte, por disposição divina dois dos meus irmãos, dos quais receberás o batismo e te salvarás, como me revelou o Senhor Jesus Cristo. E tu, neste meio tempo, desembaraça-te de todo negócio para que, quando vier a graça de Deus, ela te encontre preparado pela fé e pela devoção”. Assentindo com alegria, o sultão obedeceu-lhe fielmente. E São Francisco, despedindo-se dele, voltou para as terras dos fiéis com aquele venerando colégio de santos companheiros (AtF, FFC, 2004: 1178-1180).

Os mesmos florilégios vão dizer que, anos depois, o sultão já doente recebeu dois frades franciscanos que lhe ditaram as verdades da fé e recebeu o Santo Batismo. Regenerado na própria enfermidade, migrou no Senhor aos júbilos eternos, e sua alma foi salva pelos méritos do santo pai.

Depois de alguns anos, o sultão adoeceu; e, esperando a promessa do santo, que já havia migrado à vida de beatitude, colocou observadores às saídas das portas para que, quando dois irmãos aparecessem trajando o hábito de São Francisco, eles os conduzissem às pressas até ele. E, naquele mesmo tempo, apareceu o bem-aventurado Francisco a dois irmãos seus e ordenou-lhes que sem demora se dirigissem ao sultão e cuidassem diligentemente da salvação dele, como lhe prometera. Eles executaram devotamente a ordem; e, atravessando o mar, foram conduzidos pelos mencionados observadores ao sultão. Quando os viu, o sultão alegrou-se com imenso júbilo dizendo: “Agora sei verdadeiramente que o Senhor me enviou seus servos; porque, como São Francisco prometeu, revelando-lhe o Senhor, assim cuidou de mim, enviando-os solícitamente para minha salvação”. O sultão, recebendo, pelos irmãos, os ensinamentos da fé e o santo batismo, regenerado na própria enfermidade, migrou no Senhor aos júbilos eternos, e sua alma foi salva pelos méritos do santo pai (AtF, FFC, 2004: 1178-1180).

As flores da vida de Francisco, colhidas pelos seus amigos, enfeitam a sua biografia quando falam da conversão do sultão, da qual não há qualquer evidência histórica; mostram uma interpretação dentro de um grupo da ordem de que esta ideia de converter o sultão era um grande anseio do santo.

Se Francisco desejava converter o sultão, queria-o por sua intimidade com o Deus Altíssimo; corria ébrio de amor à frente de seus companheiros no intuito de anunciar esse Cristo e não se sentia melhor do que os infiéis, mas, ao contrário, sentia-se um privilegiado de conhecer o Evangelho, privilégio que queria partilhar com os muçulmanos (BEER, 1982: 22).

A mesma frustração que há por parte dos biógrafos pelo fato de Francisco não ter sido martirizado pode se perceber também no fato de

não ter conseguido converter o sultão. Este texto dos florilégios, bem como o texto dos Fioretti, fala da conversão do sultão, mas essa conversão soa mais como lenda edificante do que fato concreto: “O sultão, recebendo pelos irmãos os ensinamentos da fé e o santo batismo, regenerado na própria enfermidade, migrou no Senhor aos júbilos eternos, e sua alma foi salva pelos méritos do santo pai” (AtF, FFC, 2004: 1180). E ainda o texto dos Fioretti diz: “Recebendo, pois, a informação da fé cristã, e o santo batismo dos ditos frades, assim regenerado em Cristo, morreu naquela enfermidade, e sua alma foi salva pelos méritos e operação de São Francisco” (Fior, FFC, 2004: 1529).

Dialogar

A biografia de Francisco aponta para esta possibilidade, uma vez que o santo foi um homem que derrubou muitas muralhas. Muralhas sociais, econômicas, religiosas. Em um tempo rico em heresias, tais como os cátaros²⁵ e os valdenses²⁶, e mesmo preconceitos contra os infiéis, nunca se ouviu da boca (ou nos escritos) de Francisco qualquer alusão de preconceito com relação ao outro.

²⁵ O catarismo foi uma heresia cristã da Idade Média surgida no sudoeste da França ao final do século XI, apresentada por alguns como um sincretismo cristão, gnóstico e maniqueísta, manifestado num extremo ascetismo. Seus membros acreditam que o mundo visível e tudo que ele encerra são obra do diabo, ser supremo maléfico, rival de um Deus, ser Supremo e bondoso.

²⁶ Seguidores de Pedro Valdo, comerciante de Lyon (França), chamados pobres de Lyon.

Ele venceu a barreira do preconceito contra os leprosos, o que foi fundamental em seu processo de conversão. Se os leprosos eram condenados a uma espécie de morte religiosa e social, Francisco viu neles uma possibilidade de vida nova, um diálogo que surge no beijar a face daquele que até então lhe causava repugnância, assim como o sarraceno causava asco ao cristão.

Francisco dialogava com a natureza; muitos são os seus relatos pregando aos animais e até mesmo restabelecendo a amizade entre esses e os homens. No relato do lobo de Gubbio, por exemplo, não só dialoga com o animal como também faz com que a comunidade dialogue (JEUSSET, 1995: 37):

Na cidade de Gubbio, enquanto ainda vivia nosso pai São Francisco, aconteceu algo admirável e digno de célebre memória. Havia, pois, no território da cidade de Gubbio um lobo terrível pelo tamanho do corpo e ferocíssimo pelo furor da fome; ele não somente destruía os animais, mas também devorava homens e mulheres, de modo que mantinha todos os cidadãos em tão grande flagelo e terror que todos, quantos saíam da cidade, andavam munidos e armados como se devessem marchar para guerras mortais. E os que por infortúnio o encontravam nem assim armados conseguiam escapar dos dentes mortais ou da fúria truculenta do dito lobo. Donde, tamanho terror invadiu a todos, que mal ousava alguém sair pela porta da cidade. (...)

Francisco, compadecendo-se deles, resolveu sair ao encontro do dito lobo. E assim Francisco, o fidelíssimo cavaleiro de Cristo, não cingido de couraça nem com espada, mas munido com o escudo da Santíssima Fé e com o sinal-da-cruz, começou a percorrer com constância o caminho [que era] duvidoso para os outros. E, estando muitos a observar dos lugares a que haviam subido, eis que aquele terrível lobo correu contra São Francisco com a boca totalmente aberta. Contra ele São Francisco interpôs o sinal-da-cruz e, pela virtude divina, deteve o

lobo longe tanto de si quanto do companheiro, reteve-lhe a corrida e fechou-lhe a truculenta boca aberta. E finalmente chamando-o, disse-lhe: “Vem cá, irmão lobo, e da parte de Cristo te ordeno que não faças mal nem a mim, nem a qualquer outro” (AtF, FFC, 2004: 1169).

Francisco consegue então, a partir do diálogo, estabelecer um pacto entre o lobo e os cidadãos de Gubbio, onde cada parte tinha suas tarefas a cumprir. E tendo feito sermões acerca da penitência e da necessidade de se voltar ao Senhor, disse ao povo:

“Ouvi, caríssimos: o irmão lobo, que está diante de vós, prometeu-me – e deu-me garantia de sua promessa – fazer a paz convosco e nunca vos lesar em coisa alguma, se vós lhe prometeis fornecer-lhe todos os dias os alimentos necessários. E, eu, em nome do mesmo lobo, me coloco como fiador de que ele observará firmemente o pacto de paz.”

Então todos os que estavam ali reunidos, com forte clamor, prometeram alimentar o lobo continuamente; e São Francisco, diante de todos, disse ao lobo: “E tu, irmão lobo, promete observar o pacto com eles, a saber, de não lesar nem animal nem pessoa alguma?” E o lobo, ajoelhando-se com inclinação da cabeça e com gestos de corpo, e abanando a cauda e as orelhas, demonstrou a todos de maneira evidente que observaria os pactos prometidos (AtF, FFC, 2004: 1172).

Se o diálogo com os animais pode parecer, de alguma forma, fantasioso, ele demonstra uma disponibilidade de diálogo na postura de São Francisco que se armou apenas da fé, em plena temporada de guerra: “O lobo amansou imediatamente, ao ver, no homem que tinha à frente dele, um ser sem medo e sem agressividade, usando como forma de domínio a humildade serena dos corações puros. Francisco não o condenava, e chegava ao extremo de lhe chamar irmão” (JEUSSET, 1995: 39). Por outro lado, a comunidade de Gubbio saiu de seu gueto

de medo e abriu-se à paz: “Ao aceitarem o lobo como fazendo parte do seu ambiente familiar, puderam todos sair de seu gueto. Francisco restaura os laços de camaradagem do paraíso, levando os inimigos a darem-se as mãos para um contrato perdurável de bom entendimento” (ibidem).

Leonardo Boff²⁷ nos dá uma interpretação muito enriquecedora da relação de Francisco com o lobo e com os moradores da cidade de Gubbio:

O que, na verdade, ocorre é a vigência do lobo da selva “grandíssimo, terrível e feroz”, como o pinta a lenda, e do outro lobo da cidade, armado e cheio de medo. Em outras palavras, trata-se de dois atores que se enfrentam e cuja única relação é de violência e de mútua destruição. Qual é estratégia de Francisco? Sua perspectiva não é forçar uma trégua, uma espécie de equilíbrio de armas sob a égide do medo, nem sua estratégia reside em tomar partido de um ou de outro lado. Sabe evitar o farisaísmo facilmente detectável em situações de conflito nas quais cada agente social pensa mais ou menos assim e confortavelmente age: perversos são os outros, não eu, por isso devem ser destruídos. Ninguém questiona a própria posição com receio de descobrir o lobo mau dentro de si mesmo, ao lado da boa gente, convivendo tensamente. O caminho de Francisco é evangélico, caminho novo que aparece somente quando cada um se dispõe a mudar na direção do outro. O desafio libertador é fazer das duas espécies de lobos homens novos (BOFF, 1996: 120).

E se pode haver um caráter fantasioso em relação ao lobo de Gubbio, o mesmo não se dá quando Francisco fez com que o poder civil e o poder religioso de sua cidade fizessem as pazes. O que Francisco

²⁷ Teólogo e um dos principais formuladores da Teologia da Libertação.

pretende é exatamente fazer com que os homens partam um em direção ao outro, caminho para a paz, num constante se dispor para “caminhar em direção ao outro”.

No mesmo tempo, quando jazia enfermo, depois de terem sido compostos e pregados os louvores, o que então era bispo de Assis excomungou o podestà de Assis; pois que, indigno contra ele, o que era podestà mandou apregoar com voz forte e cuidadosamente pela cidade de Assis que nenhum homem lhe vendesse ou dele comprasse ou com ele fizesse contrato; e assim, muito se odiavam um ao outro.

O bem-aventurado, quando estava assim enfermo, moveu-se de piedade para com eles, mormente porque nenhum religioso ou secular se intrometia para tratar da paz e da concórdia entre eles. E disse aos seus companheiros: é grande vergonha para nós, servos de Deus, que o bispo e o podestà de tal modo se odeiem mutuamente e ninguém se intrometa para tratar da paz e concórdia entre eles. E assim, naquela ocasião compôs um verso para aqueles louvores, a saber: “Louvado sejas, meu Senhor, por aqueles que perdoam pelo teu amor e suportam enfermidade e tribulação, Bem-aventurados aqueles que as sustentam em paz; por que por ti Altíssimo são coroados” (CA, FFC, 2004: 914).

Francisco pediu aos seus irmãos que juntassem o bispo e o podestà na praça na presença do povo e cantassem a oração que ele compôs, e, diante do canto dos louvores, os dois inimigos fizeram as pazes. (FFC, 2004: 104-105)

Entre cristãos e muçulmanos faltava um diálogo respeitoso; muito ódio foi espalhado ao longo de séculos em nome da religião. Mas pouco se conhecia da religião um do outro. Esse desconhecimento aumentava mais a distância entre dois mundos “irmãos”.

Celano fala que Francisco foi recebido pelo sultão com muita honra; este honrava o frei como podia, com extrema admiração, oferecendo-lhe presentes, pois ficou tocado com suas palavras (1Cel, FFC, 2004: 237).

Francisco, no entanto, não vai até o sultão como emissário de nenhum homem ou rei. Ele vai, sim, em nome de Deus (LM, FFC, 2004: 613). O Deus que Francisco encontrou no crucificado dentro da capelinha de São Damião (2Cel, FFC, 2004: 308). E no beijo dado ao leproso (1Cel, FFC, 2004: 209). O Deus que o pediu para restaurar a Igreja, o Deus que, em sonho, disse que é preciso servir antes ao Senhor do que ao servo, fazendo com que Francisco abandonasse o sonho das armas e se tornasse um irmão da paz. A guerra é claramente em nome dos reis e das religiões, é possível tréguas, acordos de paz política e comercial, mas Francisco parece disposto a algo mais. Quer ser homem do diálogo, falar e ouvir, aprender e ensinar (2Cel, FFC, 2004: 304).

Francisco não encontrou entre os muçulmanos os demônios devoradores de gente, mas irmãos que podiam dialogar, irmãos que tinham fé e reverência diante do Deus único. Não se encontra nos escritos de Francisco nenhuma menção pejorativa aos muçulmanos:

A atitude de Francisco (em relação ao Islão) parece, no mínimo, estranha. Sua primeira viagem missionária nada tem a ver com a reconquista espanhola sobre o Islão, pois viaja à Síria um ano antes (1211). Nunca as palavras “cavaleiro” e, *a fortiori*, “cruzado” aparecem em seus escritos. Nenhum biógrafo, nos relatos precedentes, ousa apresentá-lo dessa maneira. Jamais enviará seus irmãos como pregadores de cruzada (ao contrário, muitos cruzados é que se farão irmãos menores). Jamais ele mostra consciência de superioridade em relação aos

“infiéis”. Tudo vem da graça divina; e se o “infiel” tivesse recebido a mesma graça que ele, certamente seria mais agradecido! Por isso, em qualquer lugar e em qualquer ocasião, Francisco é apenas um “irmão menor”. Não se vê uma palavra ou alusão ferina quanto ao Islão em seus escritos, coisa rara naquela época, mesmo entre os santos (BEER, 1982: 22).

Francisco é um irmão menor que está aberto ao diálogo e como enviado do Deus Altíssimo quer estar com o outro, partilhar com ele a graça que recebeu, e essa partilha só é possível de ser feita a partir do diálogo. Ao se ler sua biografia, pode-se perceber que sua relação dialogal com os sarracenos se insere num quadro muito mais amplo de relações fraterno-sociais com todas as demais classes de pessoas. E mesmo com as criaturas da natureza que ele chamava de irmãs (CROCOLI, 2006: 121). No campo religioso, Francisco tem a mesma atitude. Se levarmos em conta que ele viveu em um período rico em heresias e combates em nome da fé, faz-se importante notar que Francisco nunca atacou diretamente os movimentos heréticos, nunca os condenou como hereges, mas sempre deixou clara sua posição de católico em relação às posições de outras crenças (CROCOLI, 2006: 126).

O diálogo é o caminho para a paz. Francisco, ao dialogar com o mundo muçulmano e, em especial, com o sultão Malek-al-Kamil, poderia abrir caminho para um novo tempo entre cristãos e muçulmanos, uma vez que a guerra atentava contra a vontade de Deus (2cel, FFC, 2004: 321).

Propor a paz

O desejo de paz ardia no coração de Francisco; seu encontro com o leproso e com o crucificado de São Damião abriu espaço em seu coração para uma nova experiência: ele agora serve ao Senhor e não ao servo (2Cel, FFC, 2004: 304). E o Senhor que o convocou para restaurar a Igreja, deu a ele uma saudação especial, que ele mesmo o diz em seu testamento: como saudação, o Senhor me revelou que disséssemos: “O Senhor te dê a paz” (Test, FFC, 2004: 190).

A missão evangelizadora, à qual Francisco é chamado, contém três elementos nucleares: a saudação da paz, a cura dos doentes e o anúncio do Reino; portanto, não se pode fazer uma leitura dicotômica dessa missão, o que a esvaziaria. Ir ao sultão para pregar o Evangelho é ir a ele anunciar a paz.

Uma interpretação dicotômica poderia ver nestes três elementos três fases na tarefa de evangelizar, a saber, a saudação da paz, como sendo uma introdução; a cura dos doentes, como uma preparação para a evangelização; e o anúncio do Reino, que seria a missão evangelizadora propriamente dita. A nosso ver, porém, estes três elementos constituem a própria evangelização. O conjunto todo é anúncio do Reino. O Reino de Deus só pode ser Reino de paz, caso contrário não será Reino de Deus. Por isso a própria saudação da paz já é anúncio do Reino (TEIXEIRA, 2005: 9).

É possível imaginar Francisco diante do sultão e a sua primeira expressão: “O Senhor te dê a paz”, recebendo saudação semelhante do sultão e assim o anúncio do Reino já está sendo realizado, e, ao que tudo indica, o sultão foi cordial ao deixar Francisco expor sua saudação. Para Francisco, a paz era sentida como um bem supremo, o mais alto que se

podia desejar, era dom de Deus. Na saudação “O Senhor te dê a paz”, deixa-se claro que a obtenção da paz era já a presença de Deus (MANSELLI, 1997: 124).

A busca pela paz diante do sultão pode ser percebida se acompanharmos a trajetória de Francisco, um homem da paz, um filho da paz. Como nos diz Celano, mesmo os que odiavam a paz se deixavam tocar por ela diante da presença do santo:

Em toda pregação sua, antes de propor a palavra de Deus aos que estavam reunidos, invocava a paz dizendo: “O Senhor vos dê a paz!”. Anunciava-a [a paz] sempre mui devotamente a homens e mulheres, aos que ele encontrava e aos que lhe vinham ao encontro. Por essa razão, muitos que odiavam a paz, com a cooperação do Senhor, abraçaram de todo o coração a salvação juntamente com a paz, tornando-se também eles filhos da paz e desejosos da salvação eterna (1Cel, FFC, 2004: 213).

Francisco, muito provavelmente, já havia pedido ao Papa pelo fim da guerra: “Apresentado a Honório III, sucessor de Inocêncio III, pelo cardeal Hugolino, referiu-se o santo em presença dos cardeais a um argumento que envolvia a Igreja e expôs-lhe a profética advertência de suspender a cruzada” (BASETI-SANI, 1968: 19). E, mesmo no campo de batalha, queixou-se da guerra e pediu aos cristãos que não combatessem: “Então ao prepararem-se os nossos para o dia da batalha, tendo ouvido isto, o santo queixou-se profundamente da guerra” (2Cel, FFC, 2004: 320).

Os primeiros biógrafos de Francisco afirmam que ele foi ao sultão pelo ardente desejo de martírio e pelo desejo de convertê-lo à fé cristã (TEIXEIRA, 2005: 16). Assim fica sempre um sabor amargo

diante do fracasso de Francisco. Mas é possível encontrar elementos que apontem para essa proposta de paz, pois, para Francisco, anunciar a paz era anunciar o Reino e vice-versa; convém salientar que para ele a paz não é apenas um tema entre outros da evangelização, mas é a própria evangelização (idem: 14).

Na verdade, todo o tema de suas palavras visava extinguir as inimizades e a reformar os pactos de paz: “O seu hábito era sujo, a pessoa desprezível, e a face sem beleza; mas Deus conferiu tanta eficácia às suas palavras que muitas famílias dos nobres, entre as quais o furor desumano de antigas inimizades eclodira em muito derramamento de sangue, foram levadas de novo ao pacto de paz” (TEIXEIRA, 2005: 14).

Francisco, quando foi ao sultão, tinha acabado de ver no campo de batalha milhares de homens mortos em nome de uma guerra que já durava mais de um século; chegava a hora de alguém falar em nome da paz:

Pelo que deduzimos da evangelização desenvolvida por Francisco, que levava o povo em guerra a pactos de paz, a intenção dele ao visitar o sultão deve ter tido esta finalidade concreta: Uma proposta de paz que ele fazia em nome não dos reis do Ocidente cristão, nem mesmo do Papa, mas em nome do Evangelho. Evangelização, sem dúvida, mas de maneira muito concreta, na forma de uma proposta de paz. Sem intenção de proselitismo. Sem a intenção primeira do martírio, embora Francisco tivesse a coragem de enfrentar também o martírio (TEIXEIRA, 2005: 16).

Os primeiros biógrafos colocaram, de acordo com a mentalidade da época, toda ênfase no desejo do martírio como motivação para

Francisco ir até os muçulmanos; havia uma verdadeira neurose de guerra e morrer mártir nas mãos dos muçulmanos fazia dos cristãos heróis de Cristo (TEIXEIRA, 2005: 16).

Mas, levando-se em conta o anseio de paz e o mandato do próprio Cristo na vida de Francisco, podemos dizer que a proposta de paz era seu objetivo primeiro, embora soubesse do risco do martírio:

As circunstâncias levam-nos a deduzir que a meta concreta que Francisco queria atingir era um tratado de paz, como já havia feito em algumas cidades e entre algumas facções por onde ele passava. O que deve ter causado grande admiração em Francisco era o fato de toda a cristandade estar envolvida numa guerra. E ninguém, nem da Igreja, nem dos governos da Europa, propunha uma alternativa. Parafraseando o que Francisco disse a respeito da inimizade entre o bispo e o podestà de Assis, ele deve ter pensado a respeito da inimizade entre cristãos e sarracenos: “É grande vergonha para nós, servos de Deus, que ninguém se intrometa para tratar da paz e a concórdia entre eles” (TEIXEIRA, 2005: 17).

Há, ainda, um fator importante a ser considerado: a guerra se fazia em busca de expansão territorial e mercados, ou seja, aumentar as riquezas do Ocidente e o domínio da Igreja. Francisco já havia renunciado a isso num gesto de despojamento na praça de Assis quando ficou nu diante do bispo Guido, de seu pai Pedro Bernardone e de toda a cidade (2Cel, FFC, 2004: 309). E ainda uma vez em instrução aos seus irmãos dizia que o possuir bens gerava a necessidade de guardá-los, o que, por sua vez, geraria a violência que põe irmãos contra irmãos: “Se possuíssemos bens, teríamos que ter armas para defendê-los e conservá-los; dos bens resultariam brigas e lutas, impedindo o amor de Deus ao próximo” (MANSELLI, 1997: 88). O bem maior para Francisco era o

dom de Deus. Nas palavras de Celano, “não queria ter propriedade alguma para poder possuir tudo mais plenamente no Senhor” (1Cel, FFC, 2004: 228).

No meio da turbulenta guerra, poucos dias antes de Francisco ir ter com o sultão houve um massacre, massacre que Francisco tentou evitar ao pedir aos cristãos que não combatessem, logo depois daquele dia 29 de agosto de 1219 (JEUSSET, 1995: 79). Francisco mostrava que a guerra era lutar contra Deus; diante da derrota dos cristãos, ele sente compaixão, mas mostra que não se deve lutar contra Deus:

A compaixão para com eles consumia o santo, e não menos os consumia o arrependimento pelo acontecido. E lamentava principalmente os espanhóis, pois via que a coragem mais pronta deles nas armas deixara muito poucos. Conheçam essas coisas os príncipes da terra e saibam que não é fácil lutar contra Deus, isto é, contra a vontade do Senhor. Costuma terminar em desgraça o atrevimento que, enquanto se apoia em suas próprias forças, não merece o auxílio celeste. Se, pois, a vitória deve ser esperada do alto, as batalhas devem ser combatidas com espírito divino (2 Cel, FFC, 2004: 321).

Francisco e Iluminado – frade Franciscano que esteve com o santo em Damietta e foi junto com ele até o sultão – foram para a outra margem sem uma arma, a não ser a mais poderosa: o Nome do Deus Altíssimo; o mesmo Deus que havia dado a Francisco uma forma de saudação, a saber: “O Senhor vos dê a paz” (Test, FFC, 2004: 190).

Francisco e Iluminado encontram na outra margem não o demônio, ou o devorador dos cristãos que pagava pela cabeça dos cristãos um bizâncio de ouro, mas um homem cordial que se admirou

com Francisco e pode escutá-lo como se escuta a um homem de bem (LM, FFC, 2004: 613).

4º DIA – REFLEXÃO: NATAL EM GRECCIO. UMA PRÁTICA UMA REFLEXÃO PARA O MUNDO DE HOJE

A primeira obra que li quando comecei a me interessar por Francisco de Assis e a sua relação com o Islã foi o livro de um professor, Frade Franciscano francês que mora na Turquia; Gwénolé Jeusset²⁸. Quando comecei a fazer as pesquisas para o doutorado, havia planejado falar sobre uma possível influência do Islã em Francisco de Assis após a V Cruzada. Comecei os trabalhos, as leituras e as coisas caminhavam nessa direção. E, de repente, me deparei com a obra de Tolan²⁹, professor norte americano de história medieval da Universidade de Nantes, na França. Quando comecei a ler, achei muito interessante a obra. O autor trabalha a questão de um Francisco “usado e manuseado” pela Igreja para defender seus interesses, assim, em cada situação se coloca Francisco (paz, ecologia, proteção dos animais) e uma delas é o diálogo inter-religioso. O livro estava mudando completamente a direção da minha pesquisa; O autor mostrou ao longo dos séculos, desde

²⁸ JEUSSET, G. *Encontro na outra margem: Francisco de Assis e os muçulmanos*. Braga, Franciscana, 1995.

²⁹ TOLAN, J. *IL SANTO DAL SULTANO, L'incontro di Francesco d'Assisi e l'Islam*. Roma-Bari, Laterza: 2009.

os primeiros biógrafos como Francisco foi retratado de acordo com cada momento histórico. Estava decidido até mudar os rumos da minha pesquisa, mas de repente me dei conta que Tolan citou vários autores, inclusive muitas obras de arte que retratam Francisco desde o século XIII, contudo ele, em momento algum, citou Francisco. Debrucei-me sobre os textos e as ações de Francisco, e me dei conta que não foi nem o Islã nem o encontro com o sultão que influenciaram Francisco, mas, diferente de Tolan, percebi claramente a abertura de Francisco e a importância do encontro com o sultão. Enquanto fazia meu doutorado, tive a oportunidade de visitar a comunidade franciscana de Istambul e, estando lá, encontrei-me com Gwenolé, autor do primeiro livro que li sobre a relação de Francisco com o Islã. Foi uma semana muito agradável, de estudos e aprendizagem, e, para minha surpresa, Gwenolé era da mesma opinião que eu, ou seja: Tolan leu todos os autores que falaram de Francisco, mas não leu Francisco, e Gwenolé me disse que havia escrito uma carta a Tolan para explicar isso, uma vez que a obra de Tolan tenta esvaziar a importância do encontro entre Francisco e o sultão.

Poderíamos tratar aqui de elementos que Francisco certamente aprendeu no seu encontro com o sultão.

1. O sultão e os muçulmanos não eram os demônios retratados pelo Papa e pela propaganda cruzada.

2. Francisco tinha um imenso amor pela palavra de Deus³⁰, esse amor está na essência do Islã, pois para o muçulmano, o Corão é o próprio Deus feito livro; assim como para os cristãos, Jesus é Deus feito homem.

3. A piedade e a oração dos muçulmanos deixaram marcas profundas em Francisco; na sua carta aos governantes dos povos, ele pede aos governantes que coloquem um pregoeiro para convocar o povo à oração, assim como ele viu o Muezzim³¹ convidando o muçulmano à oração. A oração do Ângelus nasceu dentro da comunidade franciscana³² menos de um século depois do encontro de Francisco com o Islã.

Frei Francisco, homem desprezível e frágil, deseja saúde
naquele que nos remiu e lavou em seu preciosíssimo

³⁰ Ver de maneira especial a Carta aos custódios, “supliqueis humildemente aos clérigos que o santíssimo corpo e sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo e seus santos nomes e palavras escritas, que santificam o corpo [de Cristo], devam ser venerados acima de todas as coisas”.

³¹ Gosto de imaginar o entardecer de Damietta, nos primeiros dias, certo espanto da parte de Francisco. Afinal, desde a infância, só se ouvia falar coisas perversas sobre os filhos de Ismael, e, de repente, ele se vê diante de um líder muçulmano que todas as tardes se curva ao ouvir o canto do *Muezzin* para prestar reverência a *Allah*, e juntamente com seu líder, todos os seus seguidores. Minha imaginação me leva a pensar na possibilidade de que nos últimos dias o próprio Francisco se curvava para prestar reverência ao Deus de tantos nomes, presente no coração do Sultão e de Francisco, e dos lábios de ambos ecoa o louvor ao Altíssimo Misericordioso e Misericordador.

³² Le prime notizie sicure risalgono piuttosto alla seconda metà del sec. XIII. In una *Chronica francescana* dell'epoca, si legge infatti che nel Capitolo generale dell'Ordine tenuto da San Bonaventura a Pisa nel 1263 fu stabilito che "i frati nei discorsi persuadessero il popolo a salutare alcune volte la B. V. Maria al suono della campana di Compjeta, perché è opinione di alcuni solenni [dottori] che in quell'ora essa fosse salutata dall'Angelo". A San Bonaventura, del resto, doveva stare molto a cuore la pia pratica, tanto che la raccomandò anche nel Capitolo generale di Assisi del 1269. (MORENO, Simone).

sangue (cf. Ap 1,15); ao ouvir o nome dele, prostrados por terra (cf. Esd 8,6; Gn 19,1), adorai-o com temor e reverência; o nome dele é Senhor Jesus Cristo, Filho do Altíssimo (cf. Lc 1,32), que é bendito pelos séculos (Rm 1,25; 9,5). (Ord, FFC, 2004: 121).

4. No primeiro estatuto missionário da Igreja depois do século quarto, Francisco envia os seus discípulos para conviver e não para combater os muçulmanos³³.

Importante notar que quando toda Igreja se empenhava na difamação do Islã e na luta armada, não há qualquer texto de Francisco em que se mostre favorável à guerra ou que menospreze os muçulmanos.

Contudo, mais do que palavra e escritos, há uma prática em Francisco, um gesto que, para nossos dias, parece muitas vezes apenas piedoso e artístico, mas em 1223 foi um gesto de extrema profecia. O NATAL EM GRECCIO.

Sem converter o sultão, sem convencer os cristãos que a guerra não agradava a Deus³⁴, desolado pela morte de tantos cristãos³⁵ e sem sofrer o martírio, Francisco voltou para casa, ardia nele ainda mais o desejo de pregar a paz e, em 1223, celebrou o natal em Greccio. À primeira vista pode parecer algo simplesmente piedoso, mas, conhecendo um pouco da história e dos escritos de Francisco, posso dizer que celebrar o natal ali foi um grande ato de profecia.

³³ A Regra não Bulada, em seu estatuto missionário, viria a propor: conviver com os muçulmanos, aceitá-los como são, não discutir, respeitar as autoridades e as leis do país, dar testemunho cristão, anunciar o Evangelho se virem que agrada a Deus.

³⁴ Conferir: 2 Cel IV-30, FFC, 2004: 320.

³⁵ Idem,

Os relatos dos primeiros biógrafos de Francisco deixam transparecer algo extremamente importante para a nossa compreensão profética e terna do gesto de Francisco naquele natal de 1223.

A mais sublime vontade, o principal desejo e supremo propósito dele era observar em tudo o santo Evangelho” (1 Celano, FFC, 2004: 254). Quando chegou a Greccio, quis celebrar o natal como gesto de pobreza e humildade do menino que nasceu para a salvação de todos os homens: ‘ali se honra a simplicidade, se exalta a pobreza, se elogia a humildade; e de Greccio se fez como que uma nova Belém.’(1 CEL, FFC, 2004: 254).

Viver em tudo o Evangelho era a meta principal na vida de Francisco e com esta convicção entendia que a guerra era contrária aos propósitos de Deus para os homens e, se o que movia a guerra era a o amor à Terra Santa, era necessário fazer algo, celebrar um natal diferente. O maior argumento da Igreja para as cruzadas era a retomada da terra que Jesus havia comprado com o seu sangue e a vingança contra os ultrajes feitos aos lugares onde ele viveu e morreu para redimir os homens e mulheres³⁶. Francisco resolve a questão afirmando com seu gesto profético que toda a terra é santa.

A mais sublime vontade, o principal desejo e supremo propósito dele era observar, em tudo e por tudo, o santo Evangelho, seguir perfeitamente a doutrina e imitar e seguir os passos de nosso Senhor Jesus Cristo com toda a vigilância. Com todo o empenho, com todo o desejo da mente e com todo o fervor do coração. Recordava-se em assídua meditação das palavras e com penetrante consideração rememorava as obras dele. Principalmente a humildade da encarnação e a caridade da paixão de tal

³⁶ As cartas do Papa Inocêncio III que convocavam as cruzadas, o Cânon 71, do IV Concílio de Latrão e as propagandas favoráveis ao embate contra os muçulmanos, mostram claramente a ideia central que queria dar sentido à guerra.

modo ocupavam a sua memória que mal queria pensar outra coisa. Deve-se por isso, recordar e cultivar em reverente memória o que ele fez no dia do Natal de Nosso Senhor Jesus Cristo, no terceiro ano antes do dia da sua gloriosa morte, na aldeia que se chama Greccio. (1 CelXXX-84, FFC, 2004: 254-255).

O Natal em Greccio parece ter nascido do encontro com o outro contra o qual a Igreja da cristandade estava em guerra, e seria resultado de uma nova compreensão de Terra Santa apresentada por Francisco, em consonância com a Carta aos Governantes dos Povos e aos Custódios nas quais Francisco pede aos homens que em toda terra e sempre que, se recordarem do Senhor, possam prestar reverência e respeito.

Posso imaginar Iluminado assustado com a pergunta de Francisco diante do vilarejo; que lugar é esse? E ao responder que era Greccio, Iluminado recebeu uma suave contestação: Não! Aqui é Belém, veja. O pobre Iluminado deve ter pensado que o amado pai estava ficando cego, já estava doente e que naquele momento também estava ficando desequilibrado mentalmente, mas na verdade, Iluminado estava diante de um profeta.

O Natal em Greccio mostra uma ação dialogal fazendo com que toda terra seja Santa e todos os homens sejam irmãos, portanto, a guerra não tem sentido – lembrando que o argumento principal para a Cruzada era a reconquista da Terra Santa. A simplicidade do presépio realça ainda a Minoridade do Filho de Deus, Minoridade assumida pela Ordem dos Irmãos Menores. O encontro com o Sultão, assim como os outros encontros na vida de Francisco, alargou os horizontes do jovem de

Assis, chegando ao ponto de querer transformar a pequena Greccio em Belém, em consonância com o discurso da senhora pobreza: “O mundo é o nosso claustro”³⁷, os homens são os nossos irmãos e toda a terra é santa. O que pode parecer apenas uma cena plástica para as igrejas nas festas de Natal de nossos dias, foi para Francisco um ponto central, uma forma silenciosa de gritar contra as motivações da guerra. Fica clara a valorização da identidade marcada pela encarnação do Verbo; ao mesmo tempo, fica também clara a abertura dialogal para com o outro, pois o mundo é lugar também do outro, seja ele cristão ou sarraceno.

Assim Francisco pode dizer pela escrita de Celano: “Quero celebrar a memória daquele menino que nasceu em Belém (cf. Mt 2,1-2) e ver de algum modo com os olhos corporais os apuros e necessidades da infância dele, como foi inclinado estando presentes o boi e o burro, foi colocado sobre o feno.” (1 CelXXX-84, FFC, 2004: 255).³⁸

E assim de Greccio fez-se uma nova Belém.

O presépio na sua gloriosa nudez significava a reafirmação da pobreza e da humildade das origens [...] o presépio resumia em si a mensagem evangélica, tornava-

³⁷ A Senhora pobreza pediu um travesseiro para [reclinar] sua cabeça. E eles imediatamente trouxeram uma pedra e a puseram sob a cabeça dela. Ela, porém, dormindo sobriamente um sono muito tranquilo, levantou-se ligeiramente, pedindo que se lhe mostrasse o claustro. Conduzindo-a a uma colina, mostraram-lhe todo o orbe que podiam ver, dizendo: “Senhora, este é o nosso claustro”. (SACRUM COMMERCIIUM, FFC, 2004: 1481)

³⁸ Os animais apresentados no presépio, boi e burro são símbolos da acolhida do Messias por todos os povos; o boi sendo símbolo do judaísmo e o burro símbolo dos gentios. LIMA, Katia. Disponível em: <<http://www.cantodapaz.com.br/blog/2008/11/24/boi-burro-presepio/>>. Acesso em: 20 jan. 2014.

-se para Francisco um substituto significativo e popular da mesma ideia da cruzada que por muito tempo havia adormecido na Igreja o autêntico ensinamento de Jesus. Queria dizer a todos os homens que, para venerar os lugares santos, não era necessário reconquistá-los com as armas, porque poderiam possuir e venerar na alma. Posse, adoração e oração, se tornam de tal modo destituídas de lugar, como um patrimônio presente em todo canto e em todo o tempo: os lugares santos saíam da geografia do mundo a fim de transferir-se para aquela do espírito. (RADI, 2006: 69).

Com este amor profético e esta ternura evangélica, Francisco disse aos homens e mulheres do seu tempo e de todos os tempos que a guerra, nenhuma guerra agrada a Deus, pois Jesus se fez pequeno na singeleza do presépio e assim santificou toda a terra e todos os homens e todas as mulheres. No Filho todos nos tornamos filhos.

Transformar Greccio em Belém é uma forma de dizer que o ‘Deus único’ dos cristãos é partilhado por todos os homens, e por isso, não é mais o ‘meu Deus único’, mas o ‘nosso Deus único e santo’ que não conhece fronteiras, mas, se revela na banalidade de todas as coisas, segundo Rotzetter (1990: 47). O “Meu Deus e tudo”³⁹ tantas vezes repetido nas orações de Francisco mostra um homem vivendo envolto em Deus e, por causa de Deus, submisso a todos e irmão de todos.

³⁹ GIHARDI “Deus meus et omnia.” Expressão usada por Francisco nas suas orações.

5º DIA – REFLEXÃO: VERDADEIRA ALEGRIA

Já tivemos a oportunidade de refletir sobre o Evangelho de Lucas (10,25-37)⁴⁰ naquela que foi a proposta da Campanha da Fraternidade de 2020, VIU, TEVE COMPAIXÃO E CUIDOU DELE. Quero agora tomar mais dois textos do Novo Testamento para concluirmos com aquela, que é para mim, a profunda experiência kenótica de Francisco, VERDADEIRA LETIZIA, a partir da qual podemos reler todo o seu itinerário como ser humano, dando as respostas às questões que Martin Buber apresentou do seu livro CAMINHO DO HOMEM: onde estou e quem sou eu?

⁴Cada qual tenha em vista não os seus próprios interesses, e sim os dos outros. ⁵Dedicaí-vos mutuamente à estima que se deve em Cristo Jesus. ⁶Sendo ele de condição divina, não se prevaleceu de sua igualdade com Deus, ⁷mas aniquilou-se a si mesmo, assumindo a condição de escravo e assemelhando-se aos homens. ⁸E, sendo exteriormente reconhecido como homem, humilhou-se ainda mais, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz. ⁹Por isso, Deus o exaltou soberanamente e lhe outorgou o nome que está acima de todos os nomes, ¹⁰para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho no céu, na terra e nos infernos. ¹¹E toda língua confesse, para a glória de Deus Pai, que Jesus Cristo é Senhor. (Fil 2, 4-11)

⁴⁰ Segunda reflexão.

O esvaziamento de Cristo, apresentado por Paulo, vai ser o norteador de toda a vida de Francisco; basta ler o seu TESTAMENTO para que possamos ter clareza sobre este tema, o encontro com o leproso e o esvaziamento, o ósculo, o amargo transformado em doçura, o deixar o mundo. O encontro com os irmãos e o esvaziamento no cuidado de cada um deles e no deixar que o próprio Deus oriente qual o caminho a seguir. O encontro com o Papa e com o cardeal Hugolino e mais uma vez o esvaziamento para seguir as orientações do Papa. (Vale aqui rezar a bela história da dama do deserto [2 Cel XI – FFC 312]).

Outro texto que podemos rezar antes da Verdadeira Letizia está no evangelho de João.

¹⁵Tendo eles comido, Jesus perguntou a Simão Pedro: “Simão, filho de João, amas-me mais do que estes?”. Respondeu ele: “Sim, Senhor, tu sabes que te amo”. Disse-lhe Jesus: “Apascenta os meus cordeiros”.
¹⁶Perguntou-lhe outra vez: “Simão, filho de João, amas-me?”. Respondeu-lhe: “Sim, Senhor, tu sabes que te amo”. Disse-lhe Jesus: “Apascenta os meus cordeiros”.
¹⁷Perguntou-lhe pela terceira vez: “Simão, filho de João, amas-me?”. Pedro entristeceu-se porque lhe perguntou pela terceira vez: “Amas-me?” –, e respondeu-lhe: “Senhor, sabes tudo, tu sabes que te amo”. Disse-lhe Jesus: “Apascenta as minhas ovelhas. ¹⁸Em verdade, em verdade te digo: quando eras mais moço, cingias-te e andavas aonde querias. Mas, quando fores velho, estenderás as tuas mãos, e outro te cingirá e te levará para onde não queres”. (Jo 21, 15-18)

Este texto do Evangelho de João me chama muito a atenção naquilo que diz respeito ao esvaziamento de Jesus. A pergunta começa com um verbo pleno e uma comparação “Agapas-me - ἀγαπᾷς με” Pedro tu me amas mais que os outros? E a resposta que Pedro dá não

vai ao encontro à pergunta feita. Pedro responde “philo-se - φιλω σε”. Eu te amo; mas um amor que não atende a expectativa de Jesus. Jesus então, em um gesto de humildade, pergunta uma segunda vez, um esvaziamento; agora já não usa o comparativo em relação aos outros: Pedro tu me amas “agapas-me - ἀγαπᾷς με”? Uma tentativa de fazer com que Pedro alcance o amor pleno; mas outra vez Pedro responde, tu sabes que eu te amo “philo-se - φιλω σε”. Pedro ainda não dá conta de responder ao amor que Jesus lhe oferece. Jesus então Se esvazia, Faz mais uma vez a descida até o coração do homem e pergunta pela terceira vez, Pedro tu me amas? Mas agora usando o amor que Pedro é capaz de responder “phileis-me - Φιλεῖς με”. Pedro então chora porque sabe que o Mestre compreendeu tudo (tu sabes tudo), chora que queria amar com o *Ágape*, mas tudo o que podia oferecer naquele momento era *philos* (φιλω σε). Segundo a tradição cristã, ao final de sua vida Pedro pode responder com o *Ágape*, oferecendo sua vida na cruz de Cristo e com Cristo.

A partir desta tripla compreensão do esvaziamento, Lucas 10, 27-35 a parábola do Samaritano, Fil 2, 4-11 hino cristológico e Jo 21,15-18 podemos agora passar para a reflexão sobre a VERDADEIRA ‘ALEGRIA’ de Francisco para a conclusão de nosso retiro e de nossas reflexões acerca da relação do pobrezinho com os homens e com Deus.

Toda a vida de Francisco de Assis foi marcada, segundo ele mesmo disse, pela inspiração divina de acordo com o documento Testamento da FFC (2004: 189). O desejo de viver uma vida de acordo

com a forma do Santo Evangelho, em fraternidade e com o sentimento de minoridade, fizeram com que o pobrezinho pudesse buscar sempre uma via de vencer a si mesmo, uma espécie de grande *Jihad*⁴¹ como caminho de encontro com todas as criaturas e, ao mesmo tempo, pudesse deixar aos seus frades orientações para a vida em fraternidade.

Além do Testamento, apresentado no último tópico desta pesquisa, que tem a papel de carta aberta aos seus frades para que não se esquecessem do projeto de Deus em suas vidas, e do Natal em Greccio, apelo para que se pudesse perceber a sacralidade de toda a terra e de todas as criaturas, Francisco, ainda, deixou o itinerário para a alegria verdadeira. O que vai se tornando claro com esta análise é que o viver segundo o Evangelho é uma grande descoberta para Francisco que se permite ir ao encontro do outro, e, ao mesmo tempo, vencer a si mesmo. Por esta ótica o encontro com o Sultão não parece ser muito diferente daquele com o leproso: o que, antes, causava asco se transformava, agora, em oportunidade de se encontrar com Deus.

O mesmo [frei Leonardo] contou na mesma ocasião que, um dia o bem-aventurado Francisco, em Santa Maria, chamou frei Leão e disse: “frei Leão, escreve”. E este respondeu: “já estou pronto”. “escreve - disse – o que é a perfeita alegria. Vem um mensageiro e diz que todos os mestres de Paris entraram na Ordem. Escreve que isto não é a verdadeira alegria. Igualmente que entraram na Ordem todos os prelados ultramontanos, arcebispos e

⁴¹ Com significado religioso, o jihad pode incluir uma luta contra as tentações (“jihad do coração”, “jihad da alma”). Pode significar também o proselitismo do islã (da’wa) ou a defesa da moralidade (“comandar o bem e proibir o mal”). A noção de jihad desenvolvida pelos juristas islâmicos é de “guerra com significado espiritual” – jihad fi sabilī ‘llah (jihad no caminho de Deus). a palavra Islame nos remete à paz e a total submissão a Deus. A grande Jihad é kenótica, Deus É.

bispos, o rei da França e o rei da Inglaterra: escreve que isto não é a verdadeira alegria. Do mesmo modo, que os meus irmãos foram para o meio dos infiéis e os converteram todos à fé, e, além disso, que eu tenho tanta graça de Deus que curo os enfermos e faço muitos milagres: digo-te que em tudo isto não está a perfeita alegria. Mas o que é a verdadeira alegria? Volto de Perugia e chego aqui na calada da noite; e é tempo de inverno, cheio de lama e tão frio que gotas de água se congelam nas extremidades da túnica e [me] batem sempre nas pernas, e o sangue jorra de tais feridas. E totalmente na lama, no frio e no gelo, chego a porta e, depois de eu ter batido e chamado por muito tempo, vem um irmão e pergunta: quem és? Eu respondo: Frei Francisco. E ele diz: vai-te embora! Não é hora descente de ficar andando; não entrarás. E, como insisto, de novo, ele responde: vai-te embora! Tu és simples e idiota. De maneira alguma serás acolhido junto a nós, somos tantos e tais que não precisamos de ti. E eu novamente me colocar de pé diante da porta e digo: por amor de Deus, acolhei-me por esta noite. E ele responde: não o farei. Vai ao lugar dos crucíferos e pede lá. Digo-te se eu tiver paciência e não ficar perturbado, nisto está a verdadeira alegria e a verdadeira virtude e a salvação da alma. (FFC, 2004: 194)

A Perfeita Alegria mostra que, no entender do pobrezinho, não são os triunfos da Ordem, que crescia assustadoramente chegando aos reis e rainhas, ao clero e tantos lugares, que demonstram que eles são seguidores de Cristo, e sim o aceitar a lógica da cruz. (MICCOLI, 2010: 87). No entender de Francisco, não eram os discursos e nem os milagres de Jesus que manifestavam a salvação dos homens, mas a sua entrega total e definitiva na Cruz.

O episódio se difunde em três versões⁴² dentro dos escritos do primeiro século após Francisco, e aponta a posição do pobrezinho diante dos fatos ao seu redor, como a guerra que assolava seu tempo, as crises na Igreja e na Ordem fundada por ele, e a busca do poder. E, diante de tais fatos ele se apresenta como um homem que queria viver segundo a forma do Santo Evangelho, pois, para ele, só vivendo o Santo Evangelho seria possível alcançar a Perfeita Alegria.

A verdadeira alegria se manifesta como uma configuração da própria vida à vida do Cristo que se faz menor e submisso a todos, por amor ao Pai. Somente na Cruz é possível ser encontrada a perfeita alegria. Para Francisco, a comunhão de destino com Cristo, o laço fiel na dor e na Cruz é o verdadeiro motivo da alegria, segundo Rotzetter, (1989: 64), e com esta alegria ele pode tocar os corações dos cristãos, dos hereges, dos muçulmanos, dos reis e dos Papas, mas, em especial, o seu próprio coração, uma vez que, para ele, a Perfeita Alegria está em não se perturbar com nada que lhe é exterior, nem glórias e nem dores, mas na comunhão com a cruz de Cristo.

Todos os eventos ao redor do pobrezinho despertam nele o sentimento de intimidade com Cristo, e mais do que o esvaziamento de Jesus, o ensinamento a Frei Leão apresenta a *kénosis* do próprio

⁴² O texto da Perfeita Alegria encontra três versões dentro da tradição franciscana, sendo o texto primordial possivelmente de Francisco, mas com datação ainda não definida (cf. FFC, 2004: 20). O texto se refere a um diálogo entre Frei Leão e Frei Francisco no qual o pobrezinho define para o companheiro aquilo que entende ser a verdadeira alegria. As três versões: fontes relativas a São Francisco (p. 194), Compilações e Florilégios (p. 1132) e Fioretti (p. 1501).

Francisco que não alcança a glória de ser cavaleiro (sonho originário), mas encontra a alegria no imitar e seguir a Jesus.

A Perfeita Alegria também não se encontra no crescimento da Ordem, com a presença de mestres e doutores: “Vem um mensageiro e diz que todos os mestres de Paris entraram na Ordem”, ainda que na Ordem sejam inseridos membros importantes do clero tais como: “os preladados ultramontanos, arcebispos e bispos”, ou quem sabe os nobres como “o rei da França e o rei da Inglaterra”. Em nenhuma destas inserções à Ordem está a Perfeita Alegria, ou seja, os anseios que buscam a Igreja de Inocêncio III e seus sucessores não são os mesmos de Francisco.

O poder econômico, com conquistas de terras e expansão de domínios, que tanto almejavam os nobres da Europa e os Papas, também não alimenta os sonhos do pobrezinho.

A tarefa primordial da Igreja parece ser cumprir o mandato de Jesus “ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos” (Mt 28, 19), mas, também aqui, não está a chave para a perfeita alegria de Francisco: “Do mesmo modo, que os meus irmãos foram para o meio dos infiéis e os converteram todos à fé [...]: digo-te que em tudo isto não está a perfeita alegria”. Tal atitude missionária parece ser, para muitos, um bom pretexto para ele ter ido ao encontro do Sultão, contudo, a vivência da Minoridade parece ser ainda mais primordial para Francisco.

A Perfeita Alegria também não parece estar na simples paz entre os homens (ainda outro pretexto para o encontro com o Sultão), mas é a capacidade de se esvaziar de tudo e por isso deixar Deus ser tudo, e no tudo de Deus, haverá espaço para todos os homens. A estas conclusões Francisco só poderia chegar após os inúmeros encontros e desencontros no itinerário de sua vida.

Na Cruz de Cristo, Francisco busca a mansidão e a paz interior, e, encontrando-a, não se fazem mais necessárias a guerra e a expansão de territórios, porque o viver agora é Cristo (Fl.1,21) e o seu Evangelho.

ORAÇÃO COM AS IRMÃS CLARISSAS

Certa vez uma criança estava na igreja junto com sua mãe e, olhando para os vitrais, a criança perguntou para mãe: “mãe, quem são esses homens e mulheres que estão nas janelas”? A mãe respondeu: “são os Santos”. O menino perguntou novamente: “e o que são os Santos”? A mãe respondeu: “não sei”. Algum tempo depois, a mãe e a criança estavam novamente na igreja e, de repente, a criança olhou para a mãe e disse: “eu sei quem são os Santos”. A mãe olhou assustada para a criança e perguntou: “quem são”? E o menino respondeu: “as janelas por onde Deus passa como sol para nos iluminar”.

Clara, em seu testamento, vai dizer:

por isso, queridas irmãs, devemos considerar os imensos benefícios que Deus nos concedeu, mas, entre outros, aqueles que Ele se dignou realizar em nós por seu dileto servo, o nosso pai São Francisco, não só depois de nossa conversão, mas também quando estávamos na miserável vaidade do mundo. Pois quando o santo, logo depois de sua conversão, sem ter ainda irmãos ou companheiros, estava construindo a Igreja de São Damião, em que foi plenamente visitado pela graça divina e foi impelido a abandonar totalmente o mundo, numa grande alegria e iluminação do Espírito Santo, profetizou a nosso respeito aquilo que o Senhor veio a cumprir mais tarde. (FFC, 2004: 1726)

O Papa Bento XVI, em seu livro *Jesus de Nazaré da entrada em Jerusalém até a Ressurreição*, nos convida a uma bela reflexão quando nos fala do Lava-pés, dizendo que este ato é o grande sacramento de Jesus em toda a sua ação de quem desce do Pai para levar consigo todos os homens, o texto de João usa a expressão “tendo amado os seus, amou-os até o fim”, assim o sacramento não está na ordem dos sete sacramentos, “mas todo o ministério de Cristo” é um grande Sacramento e, ao final, Jesus convida seus discípulos a fazerem a mesma coisa, ou seja, serem a vidraça por onde passa a luz de Deus para iluminar os homens.

A Igreja no Concílio Vaticano II vai retomar essa bela expressão quando nos diz que ela, Igreja, é o grande sacramento de Cristo, uma vidraça por onde Cristo ilumina o mundo nas alegrias e tristezas, nas dores e esperanças de todos e de cada um.

Neste sentido é muito profundo quando Clara vai apontar Francisco com este grande sacramento de Deus em sua vida e na vida de sua fraternidade e ela mesma se torna este grande sacramento para as suas irmãs.

Depois que o Altíssimo Celestial, por sua misericórdia e graça, se dignou iluminar meu coração para fazer penitência segundo exemplo e ensino de nosso bem-aventurado pai Francisco, pouco depois de sua conversão, com algumas irmãs que Deus me dera, logo após a minha conversão, eu lhe prometi obediência voluntariamente, como o Senhor nos considerara pela luz da sua graça através da vida admirável do ensinamento dele. (FFC, 2004: 1727)

Em seguida, Clara vai dizer que Francisco deu-lhes uma regra de vida que, na essência, é a “Vida segundo a Ordem do Santo Evangelho”. Em minha tese doutoral, defendo que a primeira regra de vida para os irmãos menores foi o próprio Francisco, Evangelho vivo na vida deles, a mesma prerrogativa cabe à Santa Clara, Evangelho vivo para as suas irmãs. Por causa do Evangelho, o coração de Francisco e o coração de Clara sempre estiveram abertos ao encontro do outro; o próprio encontro entre eles alargou-lhes os horizontes.

Conta uma história mística que duas escolas foram convidadas a pintar uma imagem tão bela que pudesse retratar uma pálida luz de Deus. A primeira escola escolheu uma grande sala e preparou as paredes para que pudesse fazer a pintura, a segunda escola pediu uma sala de igual tamanho bem diante da primeira e ali colocou um grande espelho. A primeira escola começou o trabalho da pintura com as mais belas tintas que se pudessem imaginar. Então os mestres da segunda escola começaram o belo trabalho de polir o espelho. De um lado estava o grupo de místicos pintando a parede, do outro lado, um grupo de místicos polindo o espelho. Quando a pintura ficou pronta, todos olhavam e não sabiam claramente onde, de fato, estava a pintura. Desta forma, podemos imaginar são Francisco e santa Clara, dois reflexos de Deus, de tal forma que, olhando um para outro, podem ver a Deus; e, ainda, Francisco e Clara, diante de Deus, como reflexo para a fraternidade dos irmãos e das irmãs espalhados pelo mundo.

Termino com aquela que, para mim, é a mais bela definição de um nome: “Clara de nome, mais Clara de vida, Claríssima pelos costumes”. (Celano-FFC, 2004: 210)

ANEXO – PISTAS PARA UMA LEITURA COMPLEMENTAR⁴³

Quando Francisco de Assis foi ao encontro do Sultão, naquele distante ano de 1219, não havia qualquer ideia de diálogo inter-religioso. A Igreja não pensava, de forma alguma, em tal possibilidade. Ao contrário, pensava no Islã como inimigo a ser aniquilado para que Deus pudesse concluir a história. (HOEBERICHTS, 2002: 40). Mesmo não havendo nenhuma argumentação plausível com relação à participação e ao apoio do pobrezinho às cruzadas, também ele, como filho da Igreja e do seu tempo, não poderia pensar em tal situação no que tange ao diálogo. No entanto, o encontro com o chefe político do Islã e, de certa forma, também religioso, pode nos ajudar a entender ainda de forma mais clara e determinante, a vida e a espiritualidade de Francisco. Quanto ao encontro com o Sultão, poucos fatos na vida do pobrezinho foram tão relatados pelos hagiógrafos e biógrafos como este⁴⁴.

⁴³ Para aqueles que quiserem uma leitura completa sugiro a minha tese doutoral sobre o tema: <http://repositorio.ufjf.br:8080/jspui/handle/ufjf/492>

⁴⁴ Na obra intitulada *Fontes Franciscanas e Clarianas*, publicada pela Editora Vozes, pode-se encontrar, por exemplo, vários relatos sobre o encontro entre Francisco de Assis e Malek-Al-Kamil. Citam-se aqui as páginas e os autores: p. 236 (1ª Celano); p. 320 (2ª Celano); p. 499 (Celano, Legenda para uso do coro) p. 525 (Juliano de Espira); p. 611 (Boaventura, Legenda Maior); p. 621 (Boaventura, Legenda Maior)p. 702

Diante de tal fato poder-se-ia perguntar qual a razão pela qual não se encontra nenhum texto, em língua árabe, que fale do encontro. Segundo Tolan (2009), Luis Massignon apresenta um possível relato que remeteria ao encontro em uma narração árabe.

Massignon examinou as fontes árabes à procura de uma prova da passagem do santo e pensou ter encontrado uma. Segundo il KawâkibdiIbn al- Zayyât, Fakhr al-Dîn al-Farisi, conselheiro de Al-Kamil, teve uma hikâyamashhûra (aventura memorável) com um râhib (monge cristão). Para Massignon este râhib não pode ser outro senão Francisco. (TOLAN, 2009: 319).

Embora Massignon quisesse ver no relato a figura de Francisco, não faltam candidatos para serem associados com a figura do monge na corte do Sultão Al-Kamil. (TOLAN, 2009: 319). No entanto, não podendo ser confirmada nem negada a versão de Massignon, o fato é que não se pode estranhar a ausência de um relato consistente da parte da corte do Sultão, uma vez que não pareceu ser tão importante para eles tal acontecimento (o desejo do próprio Francisco, o mais desprezível a ponto e confundir os sábios)⁴⁵.

(Boaventura, *Legenda Menor*); p. 907 (Compilação de Assis)p.1178;(Compilações e Florilégios); p. 1417; 1422-27 (Jacques de Vitry); p. 1429 (Crônica de Ernoul), p. 1438 (Testemunhos menores); p. 1529 (Fioretti).

⁴⁵ Estava uma vez São Francisco no convento da Porciúncula com frei Masseo de Marignano, homem de grande santidade, discrição e graça em falar de Deus; pela qual coisa São Francisco o amava muito; um dia, voltando São Francisco de orar no bosque, e ao sair do bosque, o dito frei Masseo quis experimentar-lhe a humildade; foi-lhe ao encontro e, a modo gracejo, disse: “por que a ti? Por que a ti? Porque a ti?” São Francisco respondeu: “que queres dizer?” Disse frei Masseo: ‘Por que todo mundo anda atrás de ti e toda a gente parece que deseja ver-te e ouvir-te e obedecer-te? Não és homem de belo corpo, não és de grande ciência, não és nobre; donde vem, pois, que todo o mundo anda atrás de ti?’ Ouvindo isto, São Francisco, todo jubiloso em espírito, levantando a face para o céu por grande espaço de tempo, esteve com a

Não possuímos textos árabes que descrevam o encontro. E não precisa se maravilhar. Os cronistas da história do Sultão com toda probabilidade pensavam que a chegada ao campo egípcio de um religioso de pés descalços, uma espécie de sufi cristão que desejava falar ao Sultão, não fosse um evento tão importante para merecer ser contado. (TOLAN, 2009: 7).

Mesmo não contando com a evidência de um relato árabe sobre o encontro, não se pode negar a importância do mesmo para a vida de Francisco, um homem em busca dos homens, aberto ao mundo e peregrino ao encontro de outros tantos por causa do Evangelho.

John Tolan, na obra *Il Santo dal Sultano*⁴⁶, apresenta o relato do encontro entre o santo e o Sultão a partir da ótica de vários autores e de vários momentos: seja na pintura ou no texto escrito e, de alguma forma, mostra um Francisco que é usado para responder a algumas demandas de cada tempo. O que se pretende aqui, para a nossa reflexão, conclusiva do retiro/estudo, é mostrar o Francisco por ele mesmo,

mente elevada em Deus; e depois, voltando a si, ajoelhou-se e louvou e deu graças a Deus; e depois, com grande fervor de espírito, voltou-se para frei Masseo e disse: ‘queres saber por que a mim? Queres saber por que a mim? Queres saber por que todo o mundo anda atrás de mim? Isto recebi dos olhos de Deus altíssimo, os quais em cada lugar contemplam os bons e os maus: porque aqueles olhos santíssimos não encontraram entre os pecadores nenhum mais vil nem mais insuficiente nem maior pecador do que eu; e assim, para realizar esta operação maravilhosa, a qual entendeu de fazer, não achou outra criatura mais vil sobre a terra; e por isso me escolheu para confundir a nobreza, e a grandeza e a força e a beleza e a sabedoria do mundo; para que se reconheça que toda a virtude, e todo o bem é dele e não da criatura, e para que ninguém se possa gloriar na presença dele; mas quem se gloriar, glorie-se no Senhor, a quem pertence toda a honra e glória na eternidade’. Então Frei Masseo, ouvindo tão humilde resposta, dada com tanto fervor, se espantou e conheceu certamente que São Francisco estava fundado na verdadeira humildade. (FFC, 2004: 1505-1506).

⁴⁶ *Il Santo dal Sultano*, L'incontro di Francesco d'Assisi e l'Islam, Editori Laterza, Roma-Bari, 2009.

usando a leitura de textos que ele produziu e que, segundo a abordagem aqui adotada, não poderiam ser escritos sem um coração aberto para o mundo enquanto lugar de encontro com os homens, todos os homens, e, portanto, que também não poderiam ser escritos sem o encontro com o Sultão.

A hierarquia da Igreja, naquele momento, via em Francisco e no seu movimento um bom instrumento no processo de reforma tão desejado pelo Concílio Lateranense IV, um dos grandes pregadores da reforma religiosa. Jacques de Vitry via na Ordem dos Menores, ainda que com ressalvas, um coroamento do processo das reformas.

Jacques de Vitry pregou incessantemente sobre dois argumentos que mais o apaixonavam: a reforma da vida do seio da cristandade e o prosseguimento das cruzadas. As duas empresas eram, aos seus olhos, intimamente ligadas e a visita de Francesco ao Sultão do Egito representou um momento de perfeição da vida apostólica em quanto combinavam juntamente o imperativo da reforma e aquele da cruzada. (TOLAN, 2009: 25).

Os textos de Francisco mostram que ele desejava, em seu coração, também uma reforma, mas não uma reforma com armas. Francisco apresenta outra via. Enquanto Vitry e a hierarquia da Igreja pensavam no Islã como inimigo a ser vencido pela batalha militar e a renovação espiritual, o pobre de Assis caminhava nos passos do Evangelho e da saudação da paz, segundo Tolan (2009: 27). Segundo as informações de Jordano de Jano, durante o Capítulo de 1221, Francisco fez uma oração no seguinte teor: “Neste capítulo, o bem aventurado Francisco, tendo tomado o tema ‘Bendito o Senhor meu Deus que adestra minhas mãos para o combate’ (cf. Sl 18,35), pregou

aos irmãos, ensinando as *virtudes* e admoestando à *paciência e aos exemplos a dar ao mundo*” (JJ 16, FFC, 2004: 1270, grifos meus). O combate de Francisco parece aqui, claramente distinto daquele proposto pelo Cânon 71⁴⁷ do IV Concílio de Latrão. Podemos ver ainda a saudação às virtudes, que pode jogar ainda mais luzes sobre esta oração do Capítulo de 1221.

Francisco se apresenta aberto ao mundo, pronto para o encontro com todos os homens, desde o pobre e desprezado leproso até um líder do exército inimigo, sempre com a disponibilidade de aprender e ensinar, de ser transformado e transformador, se assim for preciso, conforme Vauchez (2010: 37).

Desde o encontro com o leproso, a vida do jovem de Assis não parou mais de ser uma sucessão de cambiamenti. É possível ler nos seus escritos, a partir do encontro com o Sultão, mais uma mudança, não pela força do Sultão em si, mas pela liberdade que Francisco experimentava ao viver segundo o Santo Evangelho.

Procurando viver como o Menor entre todos por causa do Evangelho e tendo o mundo como seu claustro e todos os homens e mulheres como seus irmãos, Francisco se apresenta como autêntico buscador do diálogo, inclusive com todas as criaturas⁴⁸.

⁴⁷ “É nosso ardente desejo libertar a Terra Santa das mãos dos infiéis” que se reúnam os exércitos para com o nosso conselho e orientação possamos vencer os nossos inimigos, assim que todos contribuam da melhor maneira possível para sustentar aqueles que estão em guerra. Tirando o que está em aspas, o resto é um pequeno resumo livre do Cânon 71 do Concílio Lateranense IV. (MANSI, 1961: 972).

⁴⁸ Cf. **Cântico do Irmão sol** ou **Louvores das criaturas** (FFC, 2004: 104).

Francisco e seus textos

O que se pretende aqui é fazer uma leitura de alguns textos produzidos por Francisco de Assis, textos que, a nosso ver, mostram não apenas a sua abertura para o outro, no caso o Islã, mas também a importância do outro em sua vida.

É muito possível que o encontro com o Sultão tenha marcado psicologicamente o jovem de Assis, conforme assegura Jeusset (1995: 122) e esta marca se apresenta aos olhos de sua fraternidade e do mundo cristão quando se lê Francisco por ele mesmo, uma vez que “[...] depois de ter encontrado o Islã, num encontro face à face, sairá daí marcado para todo o sempre, tanto no pensamento como na vida,” nas palavras de Beer (1982: 25). Quais seriam então os textos?

Tomar-se-á como ponto de partida o Capítulo XVI da Regra não Bulada, que teve longo tempo de gestação, segundo alguns autores escrito antes de 1216, e, segundo outros, não poderia ter sido escrito antes da viagem ao Egito.

Outro texto importante é o Capítulo XXIII da Regra não Bulada, provavelmente escrito por volta de 1221, quando, no Capítulo de Pentecostes, foi apresentada a Regra para a Fraternidade e para a Hierarquia da Igreja, e que não obteve a aprovação por Bula, por isso, Regra não Bulada.

Um texto que merece leitura é a *Carta aos Custódios*, tendo dois motivos importantes para isso, no que tange ao diálogo: o primeiro é a valorização da própria identidade – e aqui Francisco de Assis mostra

uma clarividência da sua fé e de alguns elementos importantes para o momento da Igreja recém-saída do Concílio Lateranense IV, como a piedade Eucarística, e, ao mesmo tempo, elementos que parecem sinais de um reconhecimento da piedade alheia.

E, por fim, uma leitura da *Carta aos Chefes dos Povos* que é a expressão mais clara da importância do encontro com o Islã na piedade de Francisco, segundo a perspectiva da tese aqui desenvolvida. Um texto que aponta seguramente para elementos rituais islâmicos.

Para se ter um acesso à bibliografia usada no nosso retiro/formação, eu sugiro a leitura da bibliografia apresentada na tese de doutorado:

<http://repositorio.ufjf.br:8080/jspui/handle/ufjf/492>

e-mail: enio1927@gmail.com

whatsapp (32) 999699553.

Gratidão – PAZ E BEM!

Padre Enio Marcos de Oliveira – Diocese de Leopoldina-MG,
junho de 2020.

Quae placuerint Domino

(RuB 16.8)

Litterae Ministri Generalis Ordinis Fratrum Minorum



— 1219 **800** 2019 —

Colloquium Sancti Francisci cum Sultano
اجتماع الشيخ فرانسيس مع السلطان

“... nunca nos esqueçamos que o exemplo de São Francisco foi a vida de conversão permanente. Como um jovem, ele repugnava os leprosos, mas uma ação de misericórdia mudou o seu coração e “o que me parecia amargo tornou-se doçura” (Test 3). Este momento, o início da vida de penitência de Francisco, é intimamente ligado à experiência de Francisco em Damietta em 1219. O coração de Francisco abriu-se aos leprosos antes e, quando ele encontrou-se na presença de um muçulmano que aprendera a odiar, abriu-se mais uma vez. O chamado bíblico à conversão (...) ecoa no Corão como repetido comando para retornar a Deus (...), para evitar o mal com a bondade e atos de caridade para com os mais vulneráveis da sociedade. Os crentes de hoje – independente do nome que eles usam para Deus e do modo com o qual o adoram – são chamados a ter a mesma coragem e abertura de coração. Em meio a um crescimento da compreensão inter-religiosa no mundo, que o nosso Deus humilde, paciente e misericordioso nos mostre a todos atos e palavras que mais lhe agradam” (Frei Michael Anthony Perry, ofm Ministro Geral e Servo, 07 de janeiro de 2009).



Franciscanos do RS
f /franciscanosrs

www.franciscanos-rs.org.br